



**UNIFAP**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA**

**Alinne Nauane Espíndola Braga**

**Gilcilene Gomes Pavão**

**Gisela De Araújo Rocha**

**Maria Uélem Cruz Barbosa**

**CURAR COMO ARTE E OFÍCIO: AS INFLUÊNCIAS DO PROCESSO DE  
URBANIZAÇÃO PÓS – 1943 NA CRENÇA DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE  
MACAPÁ NAS BENZEDEIRAS**

**MACAPÁ-AP  
2009**

**ALINNE NAUNE ESPÍNDOLA BRAGA**

**GILCILENE GOMES PAVÃO**

**GISELA DE ARAÚJO ROCHA**

**MARIA UÉLEM CRUZ BARBOSA**

**CURAR COMO ARTE E OFÍCIO: AS INFLUÊNCIAS DO PROCESSO DE  
URBANIZAÇÃO PÓS – 1943 NA CRENÇA DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE  
MACAPÁ NAS BENZEDEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Amapá para obtenção de título de bacharelado em História, como requisito Legal para conclusão do curso, realizado sob orientação do Prof. M.Cs. Carlos Alberto Marques Viana.

**Data de Apresentação: Macapá-AP, 30 de março de 2009.**

**Banca Examinadora:**

---

**Carlos Alberto Viana Marques, Mestre (UNIFAP)  
(Orientador)**

---

**Carmentilla Chagas Martins, Mestre (UNIFAP)  
(Membro)**

---

**Dorival da Costa dos Santos, Mestre (UNIFAP)  
(Membro)**

**MACAPÁ-AP  
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

---

Barbosa, Maria Uélem Cruz.

B238c Curar como arte e ofício as influências do processo de urbanização pós – 1943 na crença da população da cidade de Macapá nas benzedeadas / Alinne Nauane Espíndola Braga; Gilciane Gomes Pavão; Gisela De Araújo Rocha; Maria Uélem Cruz Barbosa. - Macapá, 2009.

1 recurso eletrônico.  
102 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Macapá, 2009.

Orientador: MCs. Carlos Alberto Marques Viana.  
Coorientador: .

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Crença. 2. Cultura popular. 3. Benzedeadas. I. Viana, Carlos Alberto Marques, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 615.882

---

BARBOSA, Maria Uélem Cruz; BRAGA, Alinne Nauane Espíndola; PAVÃO, Gilciane Gomes; ROCHA, Gisela de Araújo. **Curar como arte e ofício as influências do processo de urbanização pós – 1943 na crença da população da cidade de Macapá nas benzedeadas**. Orientador: MCs. Carlos Alberto Marques Viana. 2009. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2009.

Dedicamos este trabalho a Deus, na plenitude de Sua gloria, nos deu inspiração e perseverança para conclusão deste trabalho. Aos nossos pais, que sempre tiveram fé nestas pequenas e sempre as apoiaram com todo amor e perseverança que apenas os pais são capazes de ter.

Aos nossos familiares, maridos, namorados e filhos pela torcida e confiança no nosso sucesso.

Aos nossos inúmeros amigos, que infelizmente não podemos listar, mas que sempre estarão no nosso coração.

Agradecemos:

A Deus, em primeiro lugar, pela presença sempre constante e por ter nos guiado ao longo deste árduo caminho.

Às nossas famílias, pelo apoio, confiança e auxílio nos momentos de insegurança.

Ao Professor Célio Alcício, pela ajuda segura, positiva, dedicação, compreensão e amizade durante a realização deste trabalho.

Ao Professor Carlos Alberto, que na sua objetividade, nos ensinou a buscar as possibilidades de conhecimento e nos deu apoio, sem o qual não conseguiríamos concluir esta pesquisa.

A todos aqueles que, em um momento ou outro, de forma mais ou menos intensa, tiveram seu papel como colaboradores no processo.

Aos nossos entrevistados, que deram relevante contribuição na produção desta pesquisa.

“Aqueles que me jogaram pedras, o meu ‘muito obrigado’, pois foi com elas que eu construí o meu castelo”.

Anônimo

## RESUMO

Esta pesquisa aborda o estudo da crença em relação às práticas da benzedura na cidade de Macapá. Em comunidades tradicionais, as benzedadeiras vêm desempenhando múltiplos papéis, como chefes de famílias, organizadoras e condutoras de rituais religiosos, líderes e fundadoras de povoados. Realizam muitos tipos de trabalhos, alguns deles nem sempre considerados como tarefas femininas em outras sociedades e culturas. Planejar, benzer e curar faz parte da missão que lhe foi dada por Deus – a vontade divina tem que ser acatada, mas não as isenta da labuta diária. Suas figuras emergem como mulheres fortes, destemidas, independentes e valentes lutadoras, capazes de ultrapassar a chefia doméstica, onde são, na maioria dos casos, as principais provedoras da família, e ainda, líderes de comunidade. Este estudo objetiva analisar os reflexos do processo de urbanização para a crença do povo da cidade de Macapá às Benzedadeiras.

**Palavras-chaves:** Crença, práticas populares de cura, Benzedadeiras, Processo de Urbanização.

## **ABSTRACT**

This research addresses the study of belief in relation to the practices of benzedura in the city of Macapá. In traditional communities, women healers have played multiple roles, as heads of families, organizers and conductors of religious rituals, leaders and founders of villages. They perform many types of work, some of them not always considered as female tasks in other societies and cultures. Planning, blessing, and healing are part of their God-given mission - the divine will has to be obeyed, but it does not exempt them from daily toil. Their figures emerge as strong women, fearless, independent, and brave fighters, able to overcome domestic leadership, where they are, in most cases, the main providers for the family, and also community leaders. This study aims to analyze the effects of the urbanization process on the belief of the people of the city of Macapá in the Benzedadeiras.

**Key-words:** Belief, popular healing practices, Traditional Healers, Urbanization Process.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I PESQUISA HISTÓRICA ABORDAGEM TEÓRICA</b> .....	12
<b>CAPITULO II BENZEDEIRAS: RELAÇÕES DE PODER</b> .....	18
<b>2.1 Interpretação: o modo de ver as benzedadeiras</b> .....	27
<b>CAPITULO III ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO AMAPÁ E DA CIDADE DE MACAPÁ</b> .....	28
<b>3.1. A fundação de Macapá (1758)</b> .....	29
<b>3.2. Igreja Matriz (1761) e Fortaleza de São José (1782)</b> .....	30
<b>3.2.1. A Igreja Matriz</b> .....	30
<b>3.2.2. A Fortaleza</b> .....	31
<b>3.3. O Laudo de Berna (1900)</b> .....	34
<b>3.4. Macapá: capital do Território Federal do Amapá</b> .....	36
<b>CAPÍTULO IV O BAIRRO DO LAGUINHO: BERÇO DA BENZEDURA NO CERNE DA EXPANSÃO URBANA DA CIDADE DE MACAPA A PARTIR DA CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ</b> .....	39
<b>4.1. A instalação do Executivo territorial e os primeiros rumos do Janarismo para a expansão urbana da capital</b> .....	40
<b>4.2. Laguinho: pólo irradiador da benzedura na Macapá territorial</b> .....	41
<b>4.3. As benzedadeiras entre a tradição e a Modernidade no município de Macapá pós-1943</b> .....	44
<b>4.4. O cotidiano de reza e cura nas vozes das Benzedadeiras</b> .....	49
<b>4.5. O que pensam os médicos, acadêmicos de medicina e outros profissionais sobre a Benzedura</b> .....	56
<b>4.6. A Benzedura como desdobramento da religiosidade católica</b> .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	64
<b>ANEXOS</b> .....	67



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve em seu conteúdo textual uma discussão sobre a forma através da qual as atividades desenvolvidas pelas benzedeadas a partir do bairro do Laguinho têm conseguido resistir em meio a todo um processo de transformação pelo qual a cidade de Macapá vem passando desde o início da década de 1940, com a criação do território federal do Amapá em 13 de setembro de 1943, passando por sua elevação a Estado da Federação em 1988 e início da década seguinte quando da criação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS) em 1991, cuja consequência principal do ponto de vista social foi sem dúvida, a intensificação do fluxo migratório em meio ao lento reordenamento do perímetro urbano da capital, até desembocar no período atual em que são observadas novas tendências socioculturais no cotidiano dos macapaenses e que apontam para uma nova dinâmica nas relações desenvolvidas no âmbito da sociedade local.

Intitulado "As influências do processo de urbanização na crença da população da cidade de Macapá em relação às benzedeadas, o estudo analisa, entre outros aspectos, o processo e ocupação do bairro do Laguinho e o fascinante universo da "benzedura". A "benzedura" ou qualquer outra expressão que o termo enseje ou insinue num contexto pejorativo ou não, constitui uma crença que se manteve presente no cotidiano amazônico desde os primórdios de sua história e se mantém viva, e inclusive, fortalecida com o reconhecimento, em 1998 por parte do poder público em nível do Executivo estadual das benzedeadas e parteiras. Tais fatores revestem a referida tradição de um caráter singular, transformando-a, indubitavelmente num fenômeno sociocultural e antropológico e, como tal, passivo de estudo e análise mais aprofundados e à luz de pressupostos teóricos e metodológicos

O tema em questão envolve uma situação bastante comum nos processos históricos que é o chamado choque cultural, onde há sempre uma cultura que se destaca, sem, contudo, prevalecer de forma plena. A cultura subjugada encontra meios de sobrevivência no curso de circunstâncias e intempéries de toda sorte ou natureza, com a manutenção de certos elementos presentes no novo contexto que se reconfigura. Desta maneira, acredita-se que

um destes elementos presentes depois de um choque cultural seja a crença popular da sociedade macapaense e, até mesmo, numa dimensão mais ampla, da gente de todo o Estado, com relação as benzedeadas.

Diante disto, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo a necessária compreensão de como determinadas mazelas impulsionam parcelas significativas dos municípios recorrerem a essas praticas hoje reconhecidas pela comunidade científica como medicina popular. Fato recorrente em diferentes seguimentos sociais, a procura pelos serviços, saberes e especialmente, pela cura através das benzedeadas.

A discussão parte de um viés histórico relacionado ao contexto da chamada Historia Cultural, campo de estudo e pesquisa que desde 1930, com as escolas dos *Annales*, trouxe para ciência histórica novas formas de abordagem, permitindo a utilização das mais diversas e distintas fontes para sua análise e construção, dentre elas estão documentos não oficiais e a oralidade.

Para desenvolvimento do tema serão apresentados quatro capítulos. No primeiro capítulo intitulado: “Pesquisa Histórica: Abordagem teórica” será feita uma discussão bibliográfica sobre a importância da memória como fonte histórica e como suporte para a preservação de práticas culturais compreendendo isso como um subsidio fundamental para entender como essa resistência ocorreu no bairro do laguinho. Para tal, é usado como pressupostos teóricos as obras: *A Voz do Passado*, de Paul Thompson; e *Memoria e Sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi.

No segundo capítulo intitulado “Benzedeadas: Relações de Poder” será desenvolvida a análise sobre os conceitos de “poder social”, “circularidade social” e “história cultural”: suas diversas facetas e sua relação com a autoridade das benzedeadas no seio de suas comunidades; tendo como referencial as obras “*Microfísica do Poder*”, de Michael Foucault; “*A História dos Excluídos: operários, mulheres e prisioneiros*”, de Michelle Perrat, “*O Queijo e os Vermes*”, de Carlos Guinsburg; “*O Diabo e Terra de Santa Cruz*”, de Laura de Mello e Souza, entre outras.

No terceiro capítulo intitulado "Antecedentes Históricos do Amapá e da cidade da Macapá" será desenvolvida uma abordagem sobre o processo de ocupação da área que hoje compreende o atual Estado do Amapá, com ênfase a fundação da cidade de Macapá. As obras de MORAIS et all (2003), MORAIS e ROSÁRIO (1999), SANTOS (2006), CARVALHO (1998), entre outras subsidiaram a construção deste capítulo.

No quarto capítulo, intitulado "O bairro do Laguinho: berço da benzedura no cerne da expansão urbana da cidade de Macapá a partir da criação do território federal do Amapá" será desenvolvida a ideia central do trabalho, ou seja, a compreensão de como essas práticas das benzedadeiras conseguiram manter-se viva mesmo diante de todas as mudanças oriundas do processo de crescimento da cidade de Macapá, a chegada de novos moradores e de novas práticas culturais, no período que compreende a criação do território federal do Amapá, passando pelo sua elevação à Estado da Federação (em 1988), a fundação da ALCMS (em 1991), até o reconhecimento da atividade das benzedadeiras pelo Governo do Amapá em 1998.

Foram utilizadas como fontes de pesquisa a memória enquanto fonte primária via oralidade, livros, jornais e documentos como recursos subsidiários. A relevância do fato reside na representatividade de um processo de sobrevivência de uma prática cultural diante do novo, no contexto de um conjunto de transformações ocorridas Macapá e que tendem a suplantam práticas tradicionais, condenando algumas delas à extinção, outras à transformação e, ainda, outras à permanência, caso das benzedadeiras a quem as pessoas de diferentes classes sociais recorrem até hoje em todo o Estado.

## CAPÍTULO I PESQUISA HISTÓRICA ABORDAGEM TEÓRICA

A ciência histórica é vista muitas vezes como uma mera narração do passado e, por muitos não é considerada sequer uma ciência outrora possuiu outras funções e fora usada para outros objetivos, contudo, a partir do século XIX e do limiar do século seguinte a ciência historiográfica passou a ocupar lugar de destaque no rol das ciências humanas e a atuar de forma interdisciplinar com outros campos do saber científico como a Sociologia, a Antropologia, a Economia, a Psicologia, entre outras.

Da mesma forma, as produções desenvolvidas no âmbito historiográfico passaram a considerar novos objetos de estudo através de novas abordagens, mais dinâmicas, abrangentes e esclarecedoras a respeito de temáticas um tanto quanto particulares e relacionadas sujeitos pertencentes aos extratos menos assistidos economicamente de sociedades bastante diferenciadas entre si e em comparação com as populações ocidentais, até então, foco maior da atenção dos historiadores. Assim, universos antes ignorados ganharam os holofotes do estudo e da pesquisa histórica, como a cultura, a religiosidade, as cidades, as mentalidades, o cotidiano, as minorias, a alimentação, a sexualidade, investigados sob novas lentes metodológicas e fontes até então pouco convencionais, como a fotografia, o cinema a literatura, objetos de uso pessoal, jornais, revistas, obras literárias. Depoimentos orais, entre outras.

Neste sentido, é interessante ganha vulto e pertinência analítica a análise proposta por Paul Thompson em *A voz do Passado*, onde são enumeradas as múltiplas funções sociais que a história tem exercido no decorrer de sua trajetória. Dentre essas funções destaca-se a busca do conhecimento pelo conhecimento, onde, segundo o autor, a maioria dos historiadores especialmente no âmbito acadêmico não exercita sequer a discussão sobre os problemas sociais do passado para a necessária compreensão dos problemas contemporâneos, e, muito menos, sugere ou estimula mudanças comportamentais no cerne das sociedades estudadas.

Outra finalidade apontada pelo autor consiste na justificativa para as guerras, dominações, revoluções, entre outras convulsões ou mazelas.

decorrentes de problemas socioculturais. Nesse contexto especificamente, as personalidades políticas visem na História a fonte alegórica para as suas promoções, materializando por meio dos problemas as condições adequadas para a obtenção de dividendos político-eleitorais junto aos segmentos sociais atingidos

A terceira finalidade se configura através da compreensão de um status quo contemporâneo no qual o indivíduo, através da história, busca identificar e compreender as circunstâncias e mudanças sociais que viabilizaram as condições adequadas para a criação do sistema social onde o mesmo vive

Por meio da História, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou migração pessoal para uma nova comunidade, (THOMPSON, 1998, p.21)

A última finalidade aludida por Thompson utilizada no presente estudo é constituída a partir da crença das comunidades das áreas urbana e rural da cidade de Macapá, como, de resto, de todo o Estado, nas práticas desenvolvidas pelas Benzedeadas. Dessa forma, a construção textual e a análise e problematização do objeto de estudo constituiu-se sob a égide do recurso metodológico da história oral, que segundo o referido autor, "relaciona-se com essa finalidade social essencial de história as comunidades amazônicas, especialmente nas áreas rurais e comunidades ribeirinhas, desde os primórdios da colonização portuguesa as pessoas recorrem às mulheres sábias (benzedeadas) para operarem a cura para as moléstias que afligem tanto o corpo quanto a alma O conhecimento das benzedeadas transcende, em determinados momentos, a medicina convencional, solucionando os acometimentos que não foram resolvidos pelos prodígios da ciência, na medida em que essas médicas populares admitem a possibilidade de um sintoma ser reflexo de algum mal espiritual, e é por isso que muitas pessoas procuram esses serviços em plena era da explosão tecnológica

Tais fatos não são encontrados na História Oficial, mas se encontram vivos nas memórias das comunidades nas quais as benzedeadas se encontram inseridas. Assim, a ciência historiográfica, a priori, possibilita a identificação

sociocultural da sociedade com base nos usos e costumes. Analisando por esse viés, THOMPSON assevera que:

O tempo histórico dividia-se segundo reinados e dinastias. Até mesmo a história local preocupava-se mais com o governo do distrito ou da freguesia do que com o dia-a-dia da comunidade e das ruas. Isso se devia, em parte, porque os historiadores, eles mesmos pertencentes às classes que administravam e governavam, consideram ser isso o que menos importava [...]. Porém, mesmo que tivessem desejado escrever tipo diferente de história, isso não teria sido nada fácil, pois a matéria prima a partir da qual a história era escrita, os documentos, haviam sido preservados ou destruídos por pessoas que tinham as mesmas prioridades. Quanto mais um documento fosse pessoal, local ou não-oficial, menor a probabilidade de que continuasse a existir. A própria estrutura de poder funcionava um grande gravador, que modelava o passado a sua própria imagem (1998, p 23)

Em conjunturas anteriores, a chamada História Local, não era tida como séria e, nesta mesma linha de cientificismo, as fontes orais sequer eram merecedoras de estudo e análise, por se encontrarem supostamente impregnadas de doses cavalares de subjetividade, característica não pertencente a uma fonte científica ainda que inerente a uma ciência humana. Porém, no desenvolvimento dos estudos historiográficos, torna-se visível em uma sociedade a suscetibilidade a processos de mudança, inclusive a própria ciência, no caso, a ciência histórica.

A História Oral enquanto recurso metodológico oferece uma fonte bastante abrangente para os estudos, pesquisas e análises no campo da ciência histórica na medida em que não se circunscreve exclusivamente a grupos específicos de lideranças políticas e sociais, abrangendo o número de agentes que o historiador julgar necessário para a pesquisa, além de oferecer abordagens diferentes em relação às fontes de que dispõe.

Thompson ressalta, em um dos últimos pontos analisados, que apesar da História Oral ser uma nova possibilidade de análise, é recomendável uma certa precaução, afinal, os estudos no âmbito das ciências humanas não atingem a verdade absoluta na medida em que qualquer fonte é carregada de parcialidade e tende a exercer papéis diferentes numa mesma sociedade, dependendo exclusivamente da finalidade social escolhida pelos seus agentes. Para a superação desse obstáculo, o autor defende a triangulação entre a documentação escrita, outros testemunhos e outras fases do discurso do

testemunho a fim de trazer à luz, realidades que encontraríamos diluídas na imensidade do escrito, porém impossíveis de distinguir se não estivermos sensibilizados por elas.

Para melhor análise das fontes orais, no que concerne à parcialidade e seletividade de memória das pessoas entrevistadas (as fontes), utilizaremos a autora Ecléa Bosi na sua obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. O conteúdo desta obra revela, com curiosa singularidade, a importância muitas vezes subestimada dos relatos advindos do exercício de memória dos indivíduos mais idosos para a reconstituição de fatos relacionados a um passado recente e cuja documentação escrita configura-se escassa ou mesmo inexistente, especialmente em espaços geográficos localizados no interior dos centros urbanos ou em sociedades pouco desenvolvidas no que diz respeito os aspectos socioculturais

Para os objetivos deste estudo, é interessante dar o devido apreço ao propósito de Bosi em sua obra *Memória e Sociedade*, bem como credibilidade aos testemunhos emitidos pelos seus entrevistados não obstante a senilidade de grande parte deles, especialmente os mais velhos. A referida obra se caracteriza como um estudo sobre memória social, que demonstra, em seu conteúdo textual, a função social exercida durante a vida ocupa parte significativa no componente da memória dos idosos. Ao justificar a temática que constituiu o estudo, a autora afirmar categoricamente ao final de seu texto introdutório referente a duas máximas negativas para a delimitação de sua obra: "Talvez deva insistir em duas negativas para delimitar bem o âmbito da obra: não pretendi escrever uma obra sobre memória, nem uma obra sobre velhice. Fiquei na interseção dessas realidades colhi memórias de velhos" (BOSI, 1994, P.39)

Nos conflitos culturais e no conseqüente choque entre visões de mundo, dentre outros decorrentes dos processos migratórios, é interessante notar a visão das pessoas que vivenciaram tais processos de mudanças sociais, suas perspectivas e reflexões pessoais ou mesmo coletivas acerca das transformações ocorridas em seu cotidiano nos mais variados e diversificados aspectos, além da relação/atitude diante da reconstrução desse cotidiano. Neste sentido a autora afirma que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim for, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que daria no inconsciente de cada sujeito, [...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, P.55).

A esse respeito, pode-se afirmar que a narrativa de um fato passado depende do momento presente em que a pessoa conta as suas lembranças, ou seja, a sua narrativa será permeada por aspectos relacionados a fatores como discernimento, equilíbrio emocional capacidade de raciocínio, estado de saúde, condicionamento físico o mental, entre outros pormenores inerentes ao tempo presente em que são elencados os fatos e registrados os depoimentos

Nesse sentido e em função de tais aspectos, o conteúdo amalhado acaba constituído de memórias definidas e bem delineadas num quadro temporal (possibilitando quase um quadro bem definido na mente do ouvinte), isso, segundo a autora, devido às experiências que os velhos já têm ao lidar com a memória. Um ponto interessante nesse estudo é a constatação da autora referente à nova função social dos velhos, qual seja, a lembrança e a registro descritivo para os mais jovens sobre a sua própria trajetória histórica (de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam, etc.). Na velhice, as pessoas tomam-se a memória da família, dos grupos, dos núcleos comunitários, da sociedade

No âmbito específico do presente trabalho de pesquisa, os pressupostos técnicos e metodológicos da obra de Ecléa Bosi constituem o arcabouço adequado para o estudo e análise do fenómeno sociocultural histórico e religioso em que se constituiu prática da Benzedura em Macapá a partir do Bairro do Laginho, núcleo radiador desse fato excepcional

Uma população outrora isolada, cujas famílias pouco aquinhoadas e sem atendimento adequado e especializado para o tratamento de suas moléstias, tinham nas mulheres benzedoras o recurso mais próximo, prático o usual para o suprimento de suas demandas. As transformações resultantes dos impactos dos fluxos migratórios destinados ao Amapá a partir de sua elevação

à categoria de Estado, e via Constituição promulgada em 5 de outubro de 1998, e a instalação da área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS), no início da década de 1990, causaram inevitavelmente um choque cultural entre a cultura local e as culturas forasteiras, fator esse que passou igualmente a influenciar nas relações existentes entre a sociedade local e seus valores, costumes e motivos tradicionais sedimentados durante a etapa territorial.<sup>2</sup>

Exposta a um fenômeno de tamanha proporção e intensidade, a sociedade por ele atingida tende a mudar seu modo de ver o mundo, e mudar seu olhar em relação ao seu próprio passado, interpretando-o de uma maneira reformulada. Essa nova maneira de ver e lidar com a própria trajetória de vida é um dos objetos de análise e problematização do presente estudo, que, entre um conjunto dinâmico de questionamentos norteadores, procura identificar as formas pelas quais tal visão de mundo foi processada na vida de comunidades isoladas e com crenças peculiares e como ficou a sua crença em relação às benzedeadas após a emergência do fenômeno migratório e o conseqüente entrelaçamento de cultura

Para que se compreenda mais clara e concisamente esse processo, indispensável à análise acerca do (s) poder (es) que estas mulheres ainda exercem no seio de suas comunidades, em espaços da configuração urbana que a cidade de Macapá passou a apresentar a partir da criação do Estado do Amapá.

---

<sup>2</sup> Expressão referente ao período que se estende de 1943 a 1988 quando o Amapá, enquanto unidade política da federação brasileira era território federal subordinado e tutelado pela União.

## **CAPITULO II**

### **BENZEDEIRAS: RELAÇÕES DE PODER**

O primeiro aspecto a ser analisado no presente trabalho de pesquisa se configura por meio do poder social, incluindo-se neste o poder político e o poder religioso. Este último emana da fé que as pessoas de uma determinada comunidade depositam nas benzedeadas, e também da própria Igreja Católica, que reconhece em tais mulheres a condição de "servas de Deus".

Para a efeito de análise, utilizou-se o conceito de poder social advindo dos pressupostos teóricos de autores como Michael Foucault, cuja obra "Microfísica do Poder atesta que tal prerrogativa, ao contrário das teses althusserianas<sup>3</sup>, é constituída a partir das chamadas micro práticas do poder.

"De modo geral, penso que é preciso ver como as grandes estratégias de poder se incrustam, encontram suas condições exercício em micro relações de poder. Mas sempre há também movimentos de retomo, que fazem com que estratégias que coordenam as relações de poder produzam efeitos novos e avancem sobre domínios que, até o momento, não estavam concernidos" (FOUCAULT, 2002, p.249).

Equivocadamente, o ponto discutido relaciona-se apenas ao campo político, enquanto a proposta de Foucault é sustentada nas possibilidades concretas de aplicação do conceito de exercício do Poder no cotidiano das pessoas e não somente no âmbito político institucionalizado. Sem deixar de reconhecer que os interesses preponderantes de diferentes grupos sociais se encontra por trás de situações de poder generalizadas entende-se que tais interesses não constituem a expressão única do Poder. Analisando sobre a crisma de Foucault Google é possível depreender que o poder é um fator cuja dinâmica atravessa todos os cenários da vida humana.

Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise de enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. (...). Mas se o poder na realidade é um feixe aberto, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações do poder. (FOUCAULT, 2002, p.)

---

<sup>3</sup> Tais teses atestam que todo poder emana do Estado para os Aparelhos Ideológicos e não desses para aqueles.

Sob o foco da análise de Foucault, o poder se origina e toma corpo em uma pluralidade de relações pessoais a partir das quais se constituem estruturas impessoais. Assim, se considerarmos a existência de normas que conduzem e determinam a percepção humana, pressupõe-se, de igual modo, a configuração de mecanismos que possibilitem com que as mesmas se estruturam e se reproduzam. Observa-se, então, a formação de dois grandes planos nos quais se agrupam as diferentes manifestações de poder tomando, cujo princípio aglutinador é exatamente a extensão das mesmas enquanto atitudes resultantes do comportamento humano. Por um lado, uma delas é forjada a partir das relações interpessoais não relacionadas à totalidade dos elementos constitutivos de um grupo; e, por outro lado, uma outra se caracteriza por formas institucionalizadas e operantes na condição de espaços fechados. Em ambas as circunstâncias, não prevalece o poder de um indivíduo sobre outro, mas de uma coletividade sobre outra com as características circunscritas, de forma voluntária ou não, ao exercício de seus integrantes. Em ambos os contextos prevalecem dinâmicas distintas e que originam e materializam mecanismos de perpetuação e defesa diferentes. Foucault parte do princípio da existência de duas esferas em que se cristalizam as práticas advindas das ações humanas, sejam elas individuais ou resultantes de um esforço coletivo, cada uma dotada de mecanismos próprios e característicos que as legitimam e que atuam como "centros" de poder e elaboração, tanto de um discurso justificador, quanto de instrumentos para a sua legitimidade.

A explanação do conceito formulado por Foucault é significativamente pertinente para uma melhor compreensão do exercício do poder via atividades espirituais e curativas exercidas pelas benzedeadas no seio de suas comunidades, no caso do presente estudo, irradiadas a partir de um polo localizado no setor centro/norte do perímetro urbano da capital do município de Macapá, ou seja, do Bairro do Laguinho. O fenômeno configurado como uma espécie de "ascese cabocla"<sup>4</sup> transcende a referida comunidade e se propaga numa dinâmica

---

<sup>4</sup> Exercício prático (oração, mortificação, meditação, etc.) que visa a conquista das virtudes espirituais. No contexto de estudo, se materializa através das orações componentes do processo

extraordinária e, cujo alcance o dimensiona face ao processo de choque cultural em meio às circunstâncias da modernidade tecnológica e globalizada.

Não coloco uma substância da Resistência a substância do Poder. Digo simplesmente: a partir do momento em que a relação de poder, a uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder dos pontos podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas em segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 2002).

Nesse contato assaz a pertinência de que essa resistência a qual refere Foucault está relacionada ao processo de choque para verticado no final dos anos 1980, nos estertores da fase tutorial, início da década seguinte, correspondente ao núcleo nascedouro do atual Estado do Amapá. Tal choque foi consequência natural e mesmo intrínseca do fenómeno migratório ocorrido nesse período, em grande parte proporcionado, de igual modo, pela instalação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS)<sup>6</sup> em 1991.

A emancipação política do Amapá fomentou a demanda por um processo urgente reestruturação administrativa que, redundasse, entre outras coisas na criação de novos órgãos públicos, aumento do quadro funcionas via concursos públicos qualificação e capacitação de mão-de-obra, entre outras atitudes para provimento de cargos em todas as esferas do poder público para suprir as necessidades iniciais da nova unidade federativa da República Brasileira.

---

<sup>5</sup> Criada por intermédio do senador José Sarney (PMDB-AP) através da Lei n° 8.387, de 30 de dezembro de 1991 e regulamentada pela Lei Federal n° 3.387, de 30 de dezembro de 1991 e decreto N°. 517, de 8 de maio de 1992, possibilitou, dentro de um conjunto de aspectos, oportunidades de negócios para economia do Estado, principalmente para a indústria, o comércio, serviços e o turismo. Conforme dados da SUFRAMA, as áreas de Livre Comércio de

Macapá e Santana abrangem uma área de 220 km<sup>2</sup>, correspondente a parte dos Municípios de Macapá e Santana.

B

<sup>6</sup> Sigla de Área de Livre Comércio;

As intensas leves migratórias causaram, além do conseqüente aumento populacional especialmente nas áreas urbanas dos municípios onde a ALC<sup>6</sup> for instalada a ocupação desordenada de outros espaços a então não habitados para suprir o déficit habitacional, casos das Áreas de Proteção Ambiental (APA's) <sup>7</sup>, ressacas e sítios naturais. Isso já ocorrera anteriormente, no período territorial, à época do início da expansão urbana de Macapá quando famílias de negros foram remanejadas da área central (Largos de São Sebastião e São João)<sup>8</sup> para os atuais bairros do Laguinho e Santana"<sup>9</sup>

A história do Bairro do Laguinho inicia-se, portanto, com o assentamento do poder executivo territorial através do capitão Janary Gentil Nunes, primeiro Governador do então recém-criado território federal. Nos primeiros momentos dessa etapa, os principais objetivos do então governador se resumiam na estruturação da capital do território. Para implementar essa meta promoveu a remoção das famílias negras que ocupavam centro, nos ares acima citados. Nos chamados campos do Laguinho, área onde existiam vários lagos, ocorreu um processo de aterramentos em espaços onde haviam muitos lagos, por conta do assentamento crescente das famílias

O remanejamento, contudo, fora feito de forma desordenada, e, a comunidade recém surgida se encontrava a mercê das ações governamentais, sendo que a contrapartida do executivo territorial era insuficiente para a plena resolução dos problemas advindos da mudança do centro para o setor periférico situado na zona norte da capital. Face à falta de atitudes mais dinâmicas e efetivas por parte do Executivo territorial, começaram a ascender naturalmente as primeiras lideranças no seio comunidade transplantada, cujos objetivos residiam obviamente no encaminhamento de soluções para as demandas mais urgentes dos habitantes dos "campos do Laguinho".

---

<sup>7</sup> A Área de Proteção Ambiental (APA) é uma categoria de Unidade de Conservação, voltada para a proteção de riquezas naturais que estejam inseridas dentro de um contexto de

ocupação humana. O principal objetivo é a conservação de sítios de beleza cênica e a utilização racional dos recursos naturais, colocando em segundo plano, a manutenção da diversidade biológica e a preservação dos ecossistemas em seu estado original;

<sup>8</sup> Atuais praças Veiga Cabral e Barão do Rio Branco, respectivamente;

Nesse contexto de emergência de líderes, encontram-se as benzedeadas que, pelo o que pode ser observado, tiveram o seu poder reconhecido e legitimado pelas pessoas da comunidade que confiavam em seu dia-a-dia, por inúmeras vezes, suas vidas e de seus familiares ao tratamento espiritual e medicamentoso desenvolvido por aquelas mulheres. Exatamente neste aspecto que se detectam os elementos constitutivos da relação entre conceito de poder e o objeto do presente estudo: a resistência da crença da comunidade no trabalho e na liderança exercida em nível comunitário resistência da crença da comunidade no trabalho e na liderança exercida em nível comunitário pelas Benzedeadas. Tal crença encontra-se firmemente alicerçada na construção de uma interessante relação de confiança, e, conseqüentemente, da legitimação por parte daquela do poder expresso e cristalizado em toda a comunidade pelas mulheres benzedeadas

Michelle Perrot, em seu livro *A história dos excluídos: operários, mulheres e prisioneiros* faz uma observação importante concernente ao poder exercido por mulheres. Segundo ela,

As relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. Poder, como muitos outros, é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a "influências difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela (...) Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, os poderes (PERROT, 1988).

A afirmativa da autora sedimenta a veracidade acerca da presença do poder e influência exercidos pelas benzedeadas no cotidiano de suas comunidades. Ela também referencia outros autores que afirmam que os poderes das mulheres controlam de fato a parte mais importante dos recursos e das decisões, sendo as mesmas detentoras da proeminência no corpo familiar<sup>10</sup> - as rainhas do lar - e, conseqüentemente, em outros âmbitos sociais também como a escola, e, no raio de abrangência do presente estudo, no seio de suas comunidades.

---

<sup>9</sup> SILVA, Edson M. *et al.* A fina flor do Buriti: origens, permanências, mudanças e perspectivas no bairro do buritizal (1958-2007). TCC. História.AP.UNIFAP.2007 .

<sup>10</sup> É importante esclarecer que a família é a base da sociedade.

Outro conceito utilizado é o de circularidade social proposto por Carlo Ginzburg, que observa a dinâmica dos aspectos da cultura popular por parte da cultura de elite (institucionalizada), ou seja, o movimento recíproco e contínuo que norteia os vários níveis de cultura. Essa assimilação por parte da Igreja Católica corrobora a autoridade que estas mulheres exercem no dia-a-dia de suas comunidades, que reconhecem nas mesmas um suporte com respaldo divino, como instrumentos de Deus, concedendo-lhes por conta desse aspecto uma atividade revestida de um caráter oficial naquela secular instituição religiosa.

Este poder não se restringe somente no exercício da cura física e espiritual, mas também em um mecanismo regulador das condutas sociais dos indivíduos pertencentes às suas comunidades. As benzedeadas aconselham as meninas sobre o modo de portar na fase da adolescência, ou ainda, como um pai de família deve proceder para servir de exemplo aos filhos, entre outros aspectos. Dessa forma, torna-se possível compreendê-los enquanto líderes de suas comunidades.

Segundo os pressupostos teóricos advindos de Roger Chartier, o conceito de cultura popular apresenta dois grandes grupos de interpretações:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. (CHARTIER, 1995, p. 179).

A partir destas duas visões interpretativas, pode-se compreender como o conceito de cultura popular nortearão estudo em relação as benzedeadas a primeira definição estabelecida por CHARTIER (1995) , afirma que a cultura popular se apresenta como uma forma resistência à cultura erudita, a qual ele denomina com a letrada ; ou seja, cada elemento da cultura popular emerge

como contraponto a um elemento pertencente ou característico da cultura dominante como de forma de ratificar contundentemente que a classe Popular possui seu universo amplo e dinâmico de Valores em detrimento dos elementos que a cultura dominante procura muitas vezes arbitrariamente impor. Já a segunda definição estabelece exatamente o oposto, qual seja, a dependência da cultura popular em relação à cultura dominante como se a primeira fosse apenas um reflexo irremediável da segunda. Em outras palavras, é como se a cultura popular fosse, na verdade, uma reinterpretação dos elementos da cultura dominante a advinda do comportamento das classes populares.

A abordagem destes dois conceitos acaba por referendar a análise apresentada por Carlo Ginzburg que, de certa forma, demonstra a fusão destes dois conceitos através do processo de circularidade cultural. Para este autor, existe de fato uma correspondência passiva da cultura popular em relação à erudita (dominante), no cerne de uma relação de reciprocidade. Portanto, há uma interdependência notória entre estes dois segmentos culturais que consiste na assimilação de elementos culturais de ambos segmentos, daí resultando o caráter de reciprocidade.

Por conta desse fato, no estudo concernente às benzedeadas, nota-se que a circularidade cultural dentro do contexto analisado se apresenta em duas ocasiões: a primeira em relação à Igreja Católica e a segunda em relação ao Estado. Em se tratando das reações do catolicismo nos ambientes em que incide o fenômeno estudado, durante a Idade Média (séculos V ao XV) a relação estabelecida com as mulheres que possuíam tais conhecimentos (benzedura, curandeirismo ou bruxaria) que ameaçavam aquela instituição<sup>11</sup> resultou numa autêntica e literal caça às bruxas em meio às circunstâncias que caracterizavam a Inquisição<sup>11</sup> e o combate às heresias condenadas pela Igreja. Assim, durante séculos e, de certa forma, até o período atual, o saber feminino era visto como bruxaria e, como tal, devia ser execrado e combatido através de perseguições, torturas e o suplício na fogueira<sup>12</sup>. Em contrapartida a essa escalada desenfreada de violência, preconceito e intolerância, a Igreja Católica também tem sido, ao longo de sua marcante existência, uma das instituições com notória capacidade de adaptação a novas práticas que muitas das vezes

contrariam seus principais dogmas. Com a perda do poder da igreja, as alegações de bruxaria perderam força perante a sociedade que se aculturava, especialmente a partir da emergência do pensamento humanista<sup>13</sup> Laura de Mello e Souza observa, em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, que:

Apesar das interpretações havidas, a camada culta dos clérigos conseguiu aparelhar seu sistema cultural de forma a que mantivesse coeso, capaz de perpetuar uma determinada forma de pensamento - o racional, de raízes greco-romanas em detrimento de outro, muito mais ambíguo e equívoco - sistema folclórico. No período carolíngio, houve forte revivescência de tradições folclóricas, manifestadas também posteriormente em "concessões" da elite clerical tais como o estabelecimento do dia dos mortos, em Cluny, ou a valorização do culto aos santos e da hagiografia. Havia, portanto, momentos em que se tornava necessário atender a anseios populares (...). SOUZA, 1989).

Pelo exposto, nota-se que a Igreja Católica sempre busca meios de adaptar se ao novo mesmo quando ele se apresenta diametralmente adverso à sua ideologia, procurando através de diferentes meios, instrumentos ou mecanismos, adaptar-se a novas conjunturas para garantir o seu poder e perenidade. Isso é também muito comum quando se trata de determinadas práticas populares na Amazônia, sobretudo em comunidades distantes (rurais ou ribeirinhas) nas quais as benzedeadas começaram a ser consideradas mulheres especiais, dotadas de qualidades e atributos sobrenaturais e abençoadas por Deus, tendo sido por ele unguidas com o dom de curar.

Por conta dessas mudanças sociais, a Igreja Católica passou gradativamente a reconhecer a atividade religiosa exercida pelas benzedeadas, inicialmente com tolerância e, posteriormente, de forma plena. Assim, através do conceito desenvolvido por GINZBURG e referendado por Laura de Mello e Souza, torna-se possível apreender de forma concisa o processo de surgimento da relação entre a Igreja e as benzedeadas. Estas têm o seu poder reforçado pela primeira que dinamicamente se adapta ao novo contexto para garantir com isso a manutenção de seu status quo. Esta ideia é igualmente reforçada por Jacqueline Hermann na sua análise sobre a obra de GINZBURG:

O fundamental do trabalho de Ginzburg para as reflexões metodológicas aqui introduzidas diz respeito à forma como o autor trabalha a relação entre os isofomismo míticos e rituais (resultados de trocas culturais diversas) e o processo de difusão, conservação e

reelaboração a que estão periódica e historicamente submetidos, ilustrando claramente esse vínculo entre morfologia e história. (HERMANN, 1997).

A autora conclui que o conceito expresso por Carlo Ginzburg demonstra de forma bastante interessante as relações históricas entre mitos e ritos localizados em diferentes contextos históricos, religiosos e socioculturais. Nesse sentido, afirma que,

São de fundamental importância os diversos filtros sociais que recebem e reelaboram as mensagens religiosas, a partir de vivências culturais específicas e determinadas, permitindo a identificação de formas diferenciadas de entender e viver a experiência religiosa. (HERMANN, 1997).

No que concerne à visão e à crença que as comunidades amazônicas possuem em relação às mulheres que exercem o ofício meio que "sacerdotal" da benzedura - guardadas as devidas proporções de gênero, natureza e caráter - pode se depreender a partir da argumentação da autora, que elas (benzedoras) funcionam como uma espécie de filtro social que absorve por meio de seu ofício elementos pertencentes ao arcabouço doutrinário católico - o sincretismo religioso<sup>14</sup> gestado durante a escravidão desde o período colonial talvez seja a prova mais cabal desse processo. Por conta das experiências angariadas em sua rotina cotidiana e das peculiaridades e singularidades de seu habitat, além das especificidades da benzedora enquanto ser humano, ela repassa de acordo com o seu entendimento pessoal ou assimilação, tudo o que ameahou das experiências religiosas.

Assim procedendo, a benzedora acaba por se transformar num núcleo de atração e, posteriormente, polo irradiador de motivos e circunstâncias advindas do universo da religiosidade, reelaborando os conteúdos obtidos através de suas experiências pessoais e de trabalho, reinventando, conscientemente ou não, as formas de manifestação religiosa. O impacto desse processo sobre a comunidade pertencente à benzedora toma-se, de certa forma, uma consequência natural em razão da liderança e poder ela possui em razão da atividade que desenvolve no seio de seu núcleo social. Os membros das comunidades, especialmente aqueles que se beneficiam dos auspícios proporcionados pela benzedura, necessitam de imagens próximas de

suas realidades para tomar como exemplo de vida; de autoridades locais para resolverem suas demandas prementes; de chefes para regular as suas condutas. Tais ícones são edificados no trabalho das benzedeadas e passam a fazer parte do dia-a-dia dessas mulheres aumentando o alcance da liderança que elas exercem em níveis circunscritos às suas comunidades. Tal ideia é reforçada pela proposição feita por Jacqueline Hermann ao apontar esse tipo de trabalho e proeminência.

## **2.1 Interpretação: o modo de ver as benzedeadas**

Retomando a ideia de Paul Thompson, de que a ciência Historiográfica depende de sua finalidade social, ou seja, as pessoas procuram através da mesma compreender o seu presente, com base na investigação do passado para projeções acerca do futuro, busca-se entender, através de uma interpretação histórica e não apenas ou tão somente de narrativa de fatos, o desenvolvimento do poder das mulheres benzedeadas para adequada compreensão da sua importância no seio de suas comunidades, num fenômeno sócio histórico que tem atravessado séculos e se estende até os dias de atuais demonstrando de forma inequívoca a importância dos movimentos e atitudes constitutivos de religiosidade e da cultura popular, não obstante o turbilhão de inovações tecnológicas e a conjectura que caracteriza em diferentes e variados aspectos estes tempos de globalização e panaceia neoliberal.

A importância da rearticulação das práticas culturais sobre as formas de exercício de poder permite a necessária compreensão do papel da mulher na sociedade, de forma muito especial no âmago das camadas populares. Particularmente, no bojo do presente estudo, tal liderança configura, de forma inconsciente na grande maioria das vezes, por meio das atividades religiosas e curativas praticadas mulheres benzedeadas no cotidiano de suas comunidades nos diferentes espaços das áreas urbanas e rurais do Município de Macapá.

---

<sup>11</sup> Santa Inquisição: foi um tribunal cristão utilizado para averiguar heresia, feitiçaria, bigamia, sodomia e apostasia, o culpado era muitas vezes acusado por causar uma “crise de fé”, pestes terremotos doenças e miséria social, o acusado era entregue as autoridades do Estado, que o

puniriam, as penas variam desde confisco de bens, perda de liberdade, até a pena de morte (muitas vezes na fogueira, método que se tornou famoso, embora existissem outras formas de aplicar a pena de morte).

<sup>12</sup> A sentença de morte na fogueira representava simbolicamente a purificação e a redenção da alma.

<sup>13</sup> O Humanismo: Doutrina ou atitude que se situa expressamente numa perspectiva antropocêntrica, em domínios e níveis diversos, assumindo, com maior ou menor radicalismo,

### **CAPITULO III**

#### **ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO AMAPÁ E DA CIDADE DE MACAPÁ**

Desde os primeiros anos da etapa territorial, iniciada em 13 de setembro de 1943, a cidade de Macapá foi ganhando de forma gradativa a configuração urbana que hoje ostenta. A expansão urbana da capital do antigo Território Federal do Amapá teve início efetivo através das ações empreendedoras do capitão Janary Gentil Nunes, primeiro Governador nomeado em 1943 e empossado em 25 de janeiro do ano seguinte. Desde os primeiros procedimentos administrativos, o jovem governante extrema habilidade política e aguda visão estratégica. Fazia parte de seu perfil pessoal e político a aproximação com as massas populares, especialmente os extratos depauperados da sociedade local, tanto no meio urbano quanto nas zonas rurais e ribeirinhas.

Contudo, é necessário esclarecer cronologicamente os antecedentes históricos da cidade de Macapá no período que precedeu a criação do Território Federal do Amapá e a elevação da então pequena, pacata, pouco povoada e bucólica cidade de Macapá à condição de capital da recém-criada unidade federativa no setentrião pátrio.

---

as consequências daí decorrentes. Manifesta-se o humanismo no domínio lógico e no ético. No primeiro, aplica-se aquelas doutrinas que às suas doutrinas afirmam que a verdade ou a falsidade dum conhecimento se definem em função da sua fecundidade e eficácia relativamente à ação humana; no segundo, aplica-se àquelas doutrinas que afirmam ser o homem o criador dos valores morais, que se definem a partir das exigências concretas, psicológicas, históricas, econômicas e sociais que condicionaram a vida humana (HOLANDA, 1988).

<sup>14</sup> tendo se originado a partir de experiências dos negros escravos nas senzalas como

instrumento de reação dos mesmos à escravidão, essa manifestação reúne um conjunto de motivos, os aspectos e práticas dos cultos religiosos africanos acrescentados de elementos do cristianismo católico e dos cultos indígenas.

<sup>15</sup> Sigla do antigo Território Federal do Amapá, usada em caráter institucional e pela burocracia estatal;

<sup>16</sup> A inauguração ocorreu com a construção ainda inconclusa, depois de 18 anos de obras (1764-1782);

Três acontecimentos históricos, particularmente marcaram de forma indelével a trajetória da “cidade de joia da Amazônia” antes da criação do TFA<sup>15</sup>: a elevação da categoria de vila, em 1758, a inauguração da Igreja Matriz de São José, em 06 de março de 1782<sup>16</sup>, sendo ambos os dois edifícios arquitetônicos mais antigos e ainda mais existentes na cidade; e, a definição da secular questão de limites entre Brasil e França pelas terras localizadas ao norte do Amapá e que ficou conhecida como “Contestado Franco-Brasileiro”.

Sobre esses três fatos cabem no presente estudo alguns esclarecimentos através de subunidades a seguir, apresentadas na ordem cronológica em que se sucederam os episódios e com base na crescente bibliografia local disponível atualmente.

### **3.1. A fundação de Macapá (1758)**

No contexto da política implementada pelo primeiro-ministro português Marquês de Pombal<sup>17</sup>, com vistas à ocupação, povoamento e exploração da região amazônica, o então povoado de São Jose de Macapá foi alçado à categoria de vila em 04 de fevereiro, numa cerimônia presidida pelo próprio governador de Grão-Pará e Maranhão, Mendonça Furtado que também instalou o legislativo local ao empossar os vereadores para a câmara municipal. A escolha dos vereadores não ocorreu por meio de sufrágio, pelo contrário, como de resto em todo país, privilegiou os extratos mais importantes do ponto de vista da riqueza econômica e da influência política em nível local: De acordo com MORAIS *et al*, tais escolhas incidem sobre

“...Pessoas que tinham grande influência na comunidade; notadamente, influência econômica. Grandes proprietários de terras, pecuaristas e agricultores e comerciantes eram mandatários da vila. Naquela época nomeava-se o presidente da câmara municipal para atuar também como prefeito”. (2003, p.33)

---

<sup>17</sup> Título de nobreza e Sebastião Jose de Carvalho de Melo, irmão do governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão à época da elevação de Macapá à categoria de vila, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, entre 1751 e 1759, durante o reinado de D. José I, da dinastia de Bragança, que governou Portugal de 1750 a 1777, ano em que veio a falecer.

A preocupação geopolítica de ocupar sistematicamente o imenso território amazônico pressupôs ações efetivas de salvaguarda e proteção da região e, com base nesta premissa, o governo metropolitano planejou e executou um projeto de construção de um conjunto de fortificações com vistas à defesa da região, especialmente de suas áreas de fronteiras.

Dentro desse contexto, o Amapá já se configurara, desde esse momento, em área de segurança nacional muito embora as circunstâncias políticas relacionadas à colonização não expressassem qualquer sentido ou sentimento de Estado/Nação, pelo menos na região amazônica.

No caso do Amapá, as primeiras iniciativas no sentido de efetivação do projeto colonizador lusitano se deram partir da criação da Capitania do Cabo Norte, em 1637, doada ao militar português Bento Maciel Parente, "por ordem de Felipe IV, rei da Espanha<sup>18</sup>, e, a vinda de famílias, soldados e casais de colonos do arquipélago dos Açores, em 1751, que juntamente com os grupos indígenas da tribo dos Tucuju - nativos habitantes da região da atual cidade de Macapá - se fizeram presentes nos primórdios da colonização lusa em terras amapaenses. (MORAIS & ROSÁRIO, 1999, p. 18)

## **3.2. Igreja Matriz (1761) e Fortaleza de São José (1782)**

### **3.2.1. A Igreja Matriz**

Em 1752, seis anos antes da fundação da cidade de Macapá, por determinação das autoridades religiosas do bispado do Grão-Pará, foi lançada a pedra fundamental e teve início a construção da Igreja Matriz de São José, santo e escolhido como padroeiro do então povoado. O projeto de engenharia foi entregue ao alemão Gaspar João Geraldo de Granfelts sob encomenda do então governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Bemardo Melo.

---

<sup>18</sup> Na referida época, estava em vigor a União Ibérica que significou, na prática, a unificação das coroas portuguesa e Espanhola após a morte do rei luso D. Sebastião, em 1578 e perdurou de 1580 a 1640 quando teve início o processo de restauração da coroa portuguesa com a dinastia de Bragança.

“Mendonça Furtado, governador do Estado do Grão-Pará e do Maranhão, já convencia o monarca D. Jose da necessidade de construir uma igreja para nela celebrar o santo sacrifício da missa e ministrar o sacramento aos moradores. (2003, p. 30).

Um fator de ordem geopolítica também norteou a instalação da primeira paróquia no povoado de São José de Macapá. Numa conjuntura caracterizada pelas ameaças estrangeiras à soberania lusitana em terras coloniais brasileiras, O território que atualmente corresponde ao Estado do Amapá era constantemente assediado e invadido por ingleses, irlandeses, holandeses e, principalmente pelos franceses via Guiana, colônia francesa de onde partiam os invasores ciosos em roubar dos portugueses a posse da terra para colonizá-la e explorá-la. A construção de um templo católico na medida em que eram iminentes as "invasões dos franceses residentes em Caiena, inimigos fronteiriços e cobiçosos das terras amapaenses". (2003, p. 31)

A Igreja de São José foi inaugurada em 6 de março de 1761, três anos após a fundação de Macapá, com um estilo arquitetônico importado da Europa pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus. Na inauguração estava presente o terceiro bispo do Grão-Pará, frei D. Miguel de Bulhões, jesuíta e responsável direto pela sua criação e o primeiro vigário, padre Ângelo de Moraes. A Igreja Matriz de São José é o monumento histórico e arquitetônico mais antigo do município de Macapá e sofreu algumas modificações em sua estrutura original, sobretudo a partir da chegada dos missionários do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), em 1948, nos momentos iniciais da etapa territorial, iniciada três anos antes com a posse de Janary Nunes.

### **3.2.2. A Fortaleza**

A construção de fortificações no Amapá não é uma atitude preconizada e materializada somente pelos colonizadores lusitanos. Antes deles, ingleses e

franceses ocuparam militarmente através de fortes a região do Amapá em disputa com os portugueses e, até mesmo, fenícios<sup>19</sup>, teriam construído uma fortificação na região de Mazagão. Sobre esta hipótese PIKANÇO referenda que:

"Navios fenícios, no tempo do rei Salomão estiveram na região amazônica, e fizeram várias viagens em busca de madeira de lei e riquezas minerais, para construção e embelezamento do famoso templo bíblico (...) Há inscrições fenícias encontradas na Paraíba dando prova de que este povo esteve no Brasil. Aqui na região amazônica foram encontradas moedas fenícias do tempo do rei Salomão". (PIKANÇO, 1981)

A medida que se agradava a questão fronteiriça com a França e acordos diplomáticos como os tratados Provisional (1701), de Utrecht (1713), w de Madrid (1750), urgia a necessidade de se construir fortificações para defender o território amapaense e salvaguardar a soberania portuguesa na região. O tratado de Utrecht que praticamente foi ratificado pelo Laudo de Berna, assinado quase um século depois, consistiu no passo mais significativo dado nesse sentido foi a edificação da Fortaleza de São José de Macapá, iniciada em 1764, no auge da política pombalina que, entre outras consequências, resultou na expulsão dos jesuítas do império colonial português. De acordo com MORAIS:

"(...) os governadores que passaram pelo Estado do Maranhão e Grão-Pará tiveram que intensificar a construção de fortificações na região do Amapá, visando garantir segurança dos colonizadores em caso de uma invasão estrangeira, principalmente dos franceses". (2003, pp. 26-27)

Foi durante o governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, iniciado em 1751, que teve início um estudo geográfico e topográfico da povoação de Macapá e, de acordo com o que fora levantado e as conclusões obtidas, foi feita a solicitação ao rei D. José I para que fosse construída uma fortificação. Foi, contudo, o seu sucessor, Bernardo de Mello e Castro, quem deu início à implementação de seu projeto no bojo de uma política voltada para finalidade "um grande centro agrícola e industrial". (MORAIS et al, 2003)

A planta da construção foi assinada pelo arquiteto João Geraldo Granfells e seu projeto foi concluído em 1761. Contudo, a obra somente foi iniciada em 29 de janeiro de 1764 quando fora lançada sua pedra fundamental

e governava o Estado do Grão-Pará e Maranhão Fernando da Costa Ataíde Teive.

---

<sup>19</sup> PIKANÇO, Estácio Vidal, Informações sobre a história do Amapá (1500-1900). Macapá: Imprensa Oficial. 1981. pp. 54-55.

A planta da construção foi assinada pelo arquiteto João Geraldo Granfells e seu projeto foi concluído em 1761. Contudo, a obra somente foi iniciada em 29 de janeiro de 1764 quando fora lançada sua pedra fundamental e governava o Estado do Grão-Pará e Maranhão Fernando da Costa Ataíde Teive. A responsabilidade pela condução da obra coube ao engenheiro Henrique Antônio Galúcio e a mão-de-obra utilizada recaiu sobre escravos e índios (compulsória), além de capatazes, engenheiros e mestres de ofício, todos oriundos da corporação do exército destacada para atuar na proteção da região.

Muitas dificuldades pontuaram a construção da fortificação, dentre elas, as intempéries e as doenças tropicais que vitimaram um número substancial do contingente de trabalhadores, inclusive o próprio Henrique Galúcio, vítima de malária, em 1769. O engenheiro titular foi substituído interinamente pelo capitão Henrique João Wilckens até a chegada do engenheiro João Granfells que deu continuidade à obra até a sua inauguração, embora inconclusa, em 19 de março de 1782. (SANTOS, 2006)

Foram consumidos 18 anos na construção da Fortaleza de São José Macapá e suas obras externas não foram definitivamente concluídas em função da crise econômica e do deficitário Estado português. Com a morte de D. José I, em 1777, a sua herdeira D. Maria I optou pela paralisação da obra alegando dificuldades financeiras. Ainda assim, alguns serviços de pequena envergadura foram efetuados até a inauguração.

A Fortaleza de São José de Macapá é um marco na engenharia militar portuguesa em seus imensos domínios no além-mar. Destoando de todas as

outras edificações militares do império ultramarino português, a fortificação amapaense, segundo MORAIS et al:

"É uma obra de grandiosidade arquitetônica e histórica; marcou uma fase muito importante da ação portuguesa na Amazônia, que naquele momento se mostrava vulnerável às ações estrangeiras europeias, principalmente a França, que tinha interesse em se apossar da região" (2003, p.29)

Ao lado da Igreja Matriz de São José, a Fortaleza de São José é o patrimônio artístico, histórico e arquitetônico mais antigo e renomado do Estado do Amapá. É também a maior e mais majestosa obra da engenharia militar e do império colonial português. Em 1950 o monumento foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, recentemente, em 2006, a Fortaleza transformada em museu e, em 2007, venceu uma eleição nacional realizada pela revista CARAS, de grande circulação nacional, tornando-se a Primeira Maravilha do Brasil, seguida de outros grandes monumentos do patrimônio histórico nacional.

### **3.3. O Laudo de Berna (1900)**

Do ponto de vista histórico e geopolítico, um dos acontecimentos mais palpitantes da região norte, especialmente a partir do século XVIII - durante a colonização e na segunda metade do século seguinte - transição da monarquia para República, foi, sem dúvida, a disputa por significativa parte do território amapaense entre portugueses e franceses na etapa colonial, e, entre os últimos e os brasileiros após a independência e nos estertores do império.

Iniciada a ocupação, povoamento e exploração colonial e mercantilista da Amazônia na primeira metade do século XVII, permaneceu uma situação pré-existente a esse processo: as incursões estrangeiras na região por parte de países como a Inglaterra, Holanda, Irlanda e, especialmente, a França. A Espanha, em particular, julgava-se a legítima detentora do vastíssimo território por conta das determinações oriundas do Tratado de Tordesilhas assinado com Portugal no ano de 1494

A união Ibérica (1580-1640), na prática, inviabilizou a permanência da validade do tratado e permitiu a Portugal a interiorização da colonização a partir da faixa litorânea nordestina. Nesse contexto, foram implementadas medidas relacionadas à proteção contra as invasões estrangeiras, instalação de guarnições e construção de fortificações, participação de companhias religiosas na catequese indígena em missões, reduções ou aldeamentos; incentivo ao povoamento sistemático de áreas até então não ocupadas ou com constantes ameaças de incursões estrangeiras. Nesses dois últimos casos, particularmente, incluíam-se as terras do atual Estado do Amapá

Tendo como mais prováveis habitantes nativos os índios das tribos Tucuju, o povoado de São José de Macapá foi constituído a partir de um destacamento militar instalado em 1738 por João de Abreu Castelo Branco, governador do Estado do Maranhão Grão, com o objetivo de construir um forte com o mesmo nome da povoação. Data desse fato o primeiro núcleo de povoamento de Macapá; o passo seguinte, ainda na fase inicial de ocupação, foi dado com a vinda de famílias e soldados do arquipélago de Açores, no continente africano, por determinação do então governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Foi durante essa gestão que o então povoado foi elevado à condição de vila em 4 de fevereiro de 1758.

Desde os momentos iniciais, a presença estrangeira foi uma constante na mesma medida em que eram envidados os esforços necessários para a sua devida contenção pelas autoridades coloniais lusitanas. Com a construção de fortificações, gradativamente a coroa portuguesa foi reduzindo a presença estrangeira e, conseqüentemente, garantindo sua proeminência sobre as terras amazônicas, entretanto, nesse mesmo ritmo os franceses foram aumentando o seu espectro sobre área setentrional do Amapá e iniciando uma disputa que, oscilando entre os campos militar e diplomático, perduraria até o final do século XIX, com o Brasil afirmando sua soberania sobre a área que estava em litígio. O recrudescimento dos conflitos militares e o envolvimento de civis em episódios sangrentos a partir da segunda metade do século XIX evidenciavam ainda mais a gravidade do litígio e, após a proclamação da República, em 1889, a resolução da questão tornou-se um imperativo para a consolidação do novo regime na medida em que, contribuiria para a afirmação da soberania nacional

via delimitação das fronteiras com os países vizinhos. O episódio mais grave entre brasileiros/amapaenses e franceses ocorreu em 15 de maio de 1895, quando ocorreu uma invasão da então Vila do Espírito Santo do Amapá por parte de militares franceses vindos de Caiena. A reação dos amapaenses e o massacre de civis que se seguiu ganhou repercussão nacional e internacional, sugerindo a imediata resolução da questão.

Os dois países optaram por colocar a disputa diplomática sob o arbitramento do governo da Suíça (país neutro) em 1897, tendo o Brasil optado pela defesa de seus interesses através de José da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores do país. Com base em argumentação alusiva ao Tratado de Utrecht, a chancelaria brasileira reivindicou ganho de causa ao Brasil comprovar que o rio Oiapoque era a fronteira entre o Amapá/Brasil e a Guiana Francesa, ao contrário da diplomacia francesa que solicitava uma sentença conciliatória que resultasse na repartição do território em litígio. (SANTOS, 2006)

Encerrada a questão de limites pela posse definitiva das terras do Amapá a expressiva vitória diplomática da república brasileira, graças às com argumentações convincentes e irrefutáveis do Barão do Rio Branco, a etapa pós Laudo Suíço ou Laudo de Berna, foi marcada inicialmente, por determinação do governador do Estado do Pará, José Paes de Carvalho, pela demarcação e divisão política e geográfica da área que passou mais de dois séculos em litígio e, posteriormente, pela criação do Território Federal do Amapá, em 1943, período a partir do qual a cidade de Macapá-que até então apresentava anatomia e aspectos de vila ou pequeno povoado - passou gradativamente passou a apresentar anatomia e configuração urbana condizentes com o status de sede territorial,<sup>20</sup> condição que passou a ocupar a partir de 31 de maio de 1944. (SANTOS, 2006).

### **3.4. Macapá: capital do Território Federal do Amapá**

A partir do momento em que foi definida como município-sede do então nascente Território Federal do Amapá, a cidade de Macapá passou por três importantes etapas que compuseram o seu ciclo urbanizatório, durante os 35 anos de vigência da etapa territorial. Inicialmente, em 1758 com a elevação do

então povoado de São José de Macapá à condição de vila, no contexto da política pombalina que norteou a efetivação da colonização portuguesa na Amazônia; num segundo momento, com a criação do Território Federal do Amapá, em 1943, na conjuntura ditatorial do Estado Novo imposto por Getúlio Vargas a partir de 1937; e, com a transformação do antigo território em Estado através da Constituição Federal promulgada em 5 de outubro de 1988, três anos após o início da Nova República. Marco inicial desse processo, a criação da Vila de São José de Macapá, na segunda metade do século XVIII, insere o pequeno e quase insípido povoado no contexto geopolítico do império ultramarino português através das ações advindas do governo de Mendonça Furtado, governador do Grão-Pará e Maranhão. Tal processo foi desenvolvido à luz da Política Pombalina (1750-1777), que objetivava o povoamento do território amazônico e, conseqüentemente, a perenidade do domínio português sobre a região em meio às disputas com outros países que constantemente a invadiam.

A etapa seguinte ocorre com a transformação da pequena, pacata e bucólica cidade de Macapá em território federal, tutelado e administrado sob a égide da União, em 13 de setembro de 1943, através do Decreto-Lei 5.812. A escolha da cidade como sede territorial obedeceu às condicionantes de ordem pessoal e imperativos relacionados às variantes e possibilidades concretas de implantação de um projeto de urbanização. Segundo PIKANÇO (2006), Macapá era, na época

... um vilarejo decadente, sem serviços e atendimento indispensáveis ao bem-estar coletivo e ao progresso urbano, para a implantação do projeto de urbanização, havia dificuldades de ordem estrutural e física de Macapá. (...). Em 31 de maio de 1944, Macapá torna-se a capital do Território Federal do Amapá. Portanto, pode-se supor que o provável motivo da escolha de Macapá para ser a capital definitiva do território por Janary tenham sido as condições favoráveis para estabelecimento urbano, ao seu favor apresenta-se um projeto elaborado de saneamento, turismo e sua tradição em relação à defesa deste local devido a monumental Fortaleza de São José e o projeto rodoviário.

Este processo acarretou um considerável aumento populacional naquela cidade e em outros pontos daquele Território Federal como foi o caso de Serra do Navio, tendo em vista o Projeto ICOMI. O tripé (educar, sanear e povoar) se sustentava na disseminação do sentimento de nacionalidade, de pertencimento

ao Brasil, sem o qual seria impossível o recrutamento das populações destes Territórios. Por trás do discurso de atraso, miséria, isolamento, havia a clareza da inexistência do "brasileiro" entres as populações das regiões dos Territórios Federais.

---

<sup>20</sup> Inicialmente, por determinação da presidência da república, através de decreto datado de 23 e setembro de 1943, a cidade escolhida para capital do território do Amapá. Por opção pessoal do governador Janary Nunes, a escolha recaiu sobre Macapá. A decisão final, ratificando Macapá como capital, se deu por meio de um novo decreto, assinado pelo presidente Getúlio Vargas em 31 e maio de 1944, quatro meses após a posse do Janary Nunes.

O terceiro processo e mais relevante para os fins deste estudo, ocorreu no final da década de 80 e início da década de 90 teve como auge a criação do Estado do Amapá e a Criação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana. Estas últimas ocasionaram um aumento populacional mais que considerável na cidade de Macapá. E, conseqüentemente, um mosaico de diferentes culturas, que ao longo do tempo se transformaria em uma mistura, que na maioria dos casos, é fruto de choques culturais.

#### **CAPÍTULO IV**

### **O BAIRRO DO LAGUINHO: BERÇO DA BENZEDURA NO CERNE DA EXPANSÃO URBANA DA CIDADE DE MACAPÁ A PARTIR DA CRIAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ**

Tendo se constituído no cerne do processo de expansão do perímetro urbana o da cidade de Macapá nos primórdios do governo janarista, o bairro do Laguinho pode ser referenciado como a primeira aglomeração relativamente sistemática urbana do então nascente território federal criado em 1943 por Getúlio Vargas. Evidentemente que não se inclui no referido contexto as áreas habitadas no período anterior ao governo de Janary Nunes, como o centro original nas marginais da Igreja Matriz de São José e a antiga "Rua da Praia"<sup>21</sup> cujo prolongamento no sentido norte vislumbrava a paisagem do antigo Igarapé das Mulheres.

No contexto de seu surgimento, a ocupação da área norte da pequena Macapá em meados da década de 1940, foi o resultado de uma corrente migratória formada por contingentes de famílias negras e desapropriadas do centro da cidade para que seus domicílios fossem demolidos e passassem a acomodar luxuosamente os participantes do *staff* do executivo territorial em seus mais importantes escalões.

O *translado* dos afrodescendentes, entre eles um relevante número de ex-escravos, além de ter se constituído num resíduo das determinações oriundas das instancias do poder Público em nível local, se configurou na pratica, como a célula embrionária de um processo de reorganização e rearticulação sociocultural com sólidos alicerces oriundos da religiosidade

católica e substanciada com as práticas sincréticas dos cultos afro remanescentes do período colonial.

---

<sup>21</sup> Atual Beira-Rio onde está localizado o trapiche Eliezer Levy, o prédio da OAB (antigo Fórum), Macapá Hotel (antigo Hotel Macapá e Novotel Macapá, respectivamente) e a residência governamental, entre outros edifícios.

<sup>22</sup> Somente em 31 de maio de 1944 Getúlio Vargas decretou a cidade de Macapá como a capital do território.

Não por mera coincidência, esse fenômeno atribui ao bairro do Lagunho o status de berço da cultura negra do município de Macapá a partir do “13 de setembro de 1943”, sendo o remanejamento das famílias um verdadeiro divisor de águas tanto no processo de expansão urbana quanto na massificação e cristalização de um novo modelo sociocultural e religioso que, tempos mais tarde, seria consagrado como o mais tradicional da capital como de resto, de todo o Estado do Amapá, através das festividades e de manifestações populares como o *Marabaixo* e o *Batuque*.

#### **4.1. A instalação do Executivo territorial e os primeiros rumos do Janarismo para a expansão urbana da capital**

O capitão Janary Gentil Nunes foi nomeado primeiro governador do Território Federal do Amapá pelo presidente Getúlio Dornelles Vargas através do Decreto-Lei nº 5.839 de 27 de dezembro de 1943. Natural do município de Alenquer (PA), nascido em 01 de junho de 1912, assumiu o governo do território com apenas 31 anos de idade, depois exercer o comando da Primeira Companhia Independente de Metralhadoras Antiaéreas, sediada na capital paraense. Com sólida e notável formação, Janary possuía os atributos necessários para assumir, apesar de muito jovem, um cargo de tamanha envergadura, especialmente pelo fato de possuir como uma de suas principais características uma "forte personalidade e poder de articulação para angariar para si o apoio de diferentes facções, algumas das quais contrárias aos seus métodos e práticas políticas". (SILVA et al, 2007, p. 49).

O assentamento de Janary Nunes no cargo em que fora investido se deu em 25 de janeiro de 1944 num contexto no qual a capital do território era o

município de Amapá<sup>22</sup>. O governante permaneceu por 12 anos à frente do poder político no território e procurou, de forma incisiva, potencializar o Amapá dotando-o da necessária e adequada infraestrutura com vistas à futura elevação à condição de estado da federação brasileira. Durante mais de uma década - pouco mais de doze anos em que comandou a política territorial, "exercendo um governo popular e populista" o caudilho nortista efetuou medidas que contribuíram para a melhoria da qualidade de vida da sociedade local e para o desenvolvimento do nascente território, destacando-se a integração de amapaenses ao serviço público; dinamização do sistema educacional com a construção de estabelecimentos de ensino e a capacitação docente; incremento e potencialização do setor agro pecuário, organização do setor de saúde com a construção do Hospital Geral, Maternidade e unidades de saúde na zona rural, entre outras ações.

Todo o apelo empreendedorista no bojo de uma prática política calcada em medidas de caráter populista foi demonstrado desde as primeiras ações praticadas por Janary Nunes, dentre elas destacou-se, no plano do município-sede, o ordenamento urbanístico através da abertura de vias, criação de bairros e logradouros, obras de saneamento e construção de conjuntos residenciais. No tocante à temática problematizada no presente estudo, a sistematização de um projeto de expansão urbana a partir do desalojamento das famílias de negros residentes no centro da cidade e o consequente assentamento das mesmas em terrenos localizados nos campos do Laguinho e na área da Favela, ambos considerados na época (meados dos anos 1940) como setores periféricos, por ficarem afastados do centro.

#### **4.2. Laguinho: polo irradiador da benzedura na Macapá territorial**

Com uma história *suigeneris* no contexto da formação sociocultural do povo amapaense, comparável em níveis de singularidade somente à epopeia que redundou na fundação da cidade de Mazagão Velho, em 1770, o bairro do Laguinho é considerado por diferentes segmentos da sociedade local como a comunidade mais tradicional da sede do município de Macapá.

Palco dos mais extraordinários eventos da história, da cultura, da religiosidade, da arte e da música em todo o Estado, o antigo "bairro moreno da

cidade", hoje cantado e decantado como "Nação Negra", ostenta a tradição de ter servido de berço para o surgimento do carnaval em Macapá com a fundação da primeira agremiação carnavalesca (escola de samba) da cidade: a Associação Universidade de Samba Boêmios do Laguinho (AUSBL), em 2 de janeiro de 1954, como ponto culminante de um processo de carnavalização iniciado no final da década de 1940, com a criação do bloco "Bandoleiros da Orgia". Sobre o mesmo, PIRÚ assevera que

"No início da década de cinquenta, Mestre Bené, José Vagalume e Mane de Souza, entre outros operários, foram trazidos de Belém do Pará para construir alguns prédios públicos em Macapá. Acostumados com o carnaval de rua se reuniam nos finais de semana para falar de samba. Quando chegou o período de carnaval fundaram o bloco de sujeitos Bandoleiros da Orgia, que saía pelas ruas do Laguinho, Favela e Bairro Alto, distribuindo bebidas os foliões e assim surgiu o Carnaval no Amapá". (2004, p. 14).

Formado por trabalhadores da construção civil oriundos do Pará que vieram para Macapá para constituírem o contingente de mão-de-obra num momento em que Janary Nunes iniciava a construção de um conjunto de obras de infraestrutura para dotar a cidade das condições necessárias para que a mesma merecesse ostentar o status de capital do território, os "Bandoleiros da Orgia" deram início a uma tradição que se estende até os dias atuais e que transformou os desfiles das escolas de samba de Macapá no maior espetáculo carnavalesco da região norte, perdendo em termos de espetáculo cultural, em proporção, somente para a festa do Boi-bumbá de Parintins (AM) em cujo contexto pontua os bois estilizados "Garantido" e "Caprichoso", cuja rivalidade, entre outros fatores, manifesta-se nas cores vermelho e azul, respectivamente e que mobiliza amplos setores da sociedade amazonense.

No tocante ao presente estudo e seu objeto de problematização, o bairro do Laguinho reveste-se de fundamental importância na medida em que se constituiu no núcleo de formação e, ao mesmo tempo, de propagação de uma outra tradição relacionada à cultura eminentemente popular concatenada com o universo da religiosidade católica sincrética e com a medicina popular através dos rituais de cura de indígenas e escravos do período colonial, manifestados por meio da benzedura.

Segundo o famoso dicionário Aurélio da Língua Portuguesa<sup>23</sup>, o termo "Benzedura" significa "ato de benzer, acompanhado de rezas supersticiosas", o vocábulo "Benzedeira" identifica a "mulher que pretende curar doenças e anular feitiços por meio desta prática; e, a palavra "Benzer" compreende o ato de "fazer o sinal da cruz sobre pessoa ou coisa recitando certas formas de oração para efeito de consagração ao culto divino ou chamar sobre ela os prodígios vindos do céu. (1988, p. 92).

Uma outra fonte, no caso, o dicionário elaborado por Sérgio Ximenes sob encomenda do Ministério da Educação (MEC)<sup>24</sup> para distribuição gratuita entre alunos da rede pública de todo país, o primeiro termo consiste num "ritual benzer, acompanhado de rezas e práticas supersticiosas, visando a cura de doença ou a anulação de feitiços"; o segundo termo se refere à mulher que realiza essa prática; e, a expressão "Benzer", segundo essa fonte consiste na invocação da proteção divina sobre uma pessoa ou coisa/algo com o ritual simbólico do "sinal da cruz" acompanhado da recitação de "fórmulas litúrgicas". (2001, p. 130)

A benzedura passou a compor o cotidiano e a paisagem natural e bucólica da pequena, modesta e pacata capital do território. A partir do Lagunho este ofício se propagou por todos os outros bairros e logradouros, sendo que, na zona rural ou em distritos como Curiaú, São Francisco da Casa Grande, Abacate do Rio Pedreira, Santo Antônio do Rio Pedreira, Carmo do Maruanum, Igarapé do Lago, Pirativa, Torrão do Matapi, Ambé, Carmo do Macacoari, Coração, Bois do Igarapé do Lago, São Pedro dos Bois, São José do Matapi, Ilha Redonda, entre outras localidades.

Apesar de não comporem o objeto de investigação, análise e problematização, todos os outros municípios também mantêm suas tradições culturais de raiz negra africana e com fortes traços da cultura indígena, através dos inúmeros contingentes de afrodescendentes e com o fenômeno das mulheres benzedoras não é diferente, assim como as parteiras tradicionais, rezadores de ladainhas, o candomblé, entre outras manifestações da cultura eminentemente popular.

No entanto, a pesquisa abriu parênteses em relação ao município de Santana que durante décadas foi distrito industrial de Macapá e, até os dias atuais, apesar de emancipado politicamente,

---

<sup>23</sup> HOLANDA, Aurélio B. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1988;

<sup>24</sup> XIMENES, Sérgio. Minidicionário da Língua Portuguesa. 2ª Ed. São Paulo: Ediouro. 2001.

pode ser considerado como um prolongamento do perímetro urbano da capital do Estado ou até mesmo, como se referênciamos no dia a dia dos macapaenses, como um bairro muito distante do centro de Macapá. Acrescente-se a esse aspecto o fato de áreas como o Coração (transformado recentemente em bairro a oeste do centro da cidade) ter parte de suas terras pertencentes à Santana e outras à Macapá e onde sobrevivem dinamicamente as benzedeadas e suas curas mágicas.

#### **4.3. As benzedeadas entre a tradição e a Modernidade no município de Macapá pós-1943**

A Benzedura enquanto cerimonial e componente ritualístico de reza e cura de moléstias (doenças), lesões corporais, males espirituais (quebranto, olho gordo, mau-olhado, inveja, feitiços) é uma prática bastante recorrente no cotidiano da cidade de Macapá, não obstante os avanços tecnológicos e os ventos de modernidade que de forma avassaladora atingiram o Estado do Amapá, sobretudo nas últimas três décadas como consequência do processo de globalização planetária. A atividade desenvolvida pelas benzedeadas resiste ao avanço do tempo e às mudanças que se processam num ritmo cada vez mais alucinante, veloz e intenso e que incide sobre todos os setores da sociedade de diferentes formas, ângulos e proporções.

São inúmeras e famosas em nível local as mulheres que exercem a benzedura e que, por conta deste ofício, acabam por exercer também considerável grau de poder e liderança no âmago de suas comunidades, por

vezes transcendendo os limites circunscritos ao habitat natural. Entre as figuras mencionadas no rol das militantes no ofício de benzer e curar destacam-se: Maria Pereira Silva (Tia Anésia - Bairro Santa Rita), Tereza Rosa dos Santos (Tia Tereza - Bairro do Laguinho), Maria Couto Salomão (Tia Maroca-Canal do Jandia ), Tia Maria Caiana (Bairro do Trem), Valdomira Ardasse Picanço (Tia Vardica - Bairro Jesus de Nazaré, já falecida), Tia Castorina (Maria Castorina Ardasse da Silva- Com origem contextualizada aos limites do Bairro do Laguinho mas, com vivência e militância atual no Bairro Jesus de Nazaré), Nilcelene da Silva Trindade (Tia Nilce - Bairro do Trem).

No universo masculino, a título de citação e referência mínima, pode-se destacar o trabalho de benzedores como: Raimundo Almeida da Silva (Tio Zico), Raimundo Leite Nascimento (Manduca Caiano), entre outros de menor abrangência, impacto e expressão.

Evidentemente que durante a etapa em que o Amapá ainda era território federal, sobretudo nas primeiras décadas após a sua elevação a essa categoria, era, sem qualquer sombra de dúvida, muito maior e mais intenso o impacto das atividades desenvolvidas pelas benzedadeiras, assim como era maior a importância atribuída pela sociedade diretamente atingida pela cura e prodígios obtidos através desse ritual. E, se for levado em consideração o fato de que as condições de vida e a própria configuração urbana da cidade de Macapá na fase territorial eram muito diferentes se comparadas com o período atual e que os recursos tecnológicos disponíveis eram escassos e, em muitos aspectos rudimentares e até mesmo inexistentes, aí então é possível vislumbrar o quanto a benzedura significava no cotidiano da população local.

Outro aspecto muito importante e até mesmo delimitador do raio de ação e da abrangência do trabalho das benzedadeiras diz respeito às circunstâncias em que estava condicionada a medicina em níveis locais. Na época, o então Território Federal do Amapá (TFA) dispunha de pouquíssimas unidades de atendimento básico em saúde que funcionavam de forma precária e sem o aparelhamento adequado para suprir suas principais demandas.

O então Território Federal do Amapá possuía apenas uma unidade hospitalar de "grande" porte na capital, Macapá, o Hospital Geral de Macapá,

apenas uma maternidade, um hospital de pediatria, um pronto-socorro e menos de dez postos de saúde. Esta situação se verificava na capital do território e perdurou por toda a vigência do Amapá na condição de território federal. Daí, é possível presumir a precariedade do atendimento em saúde nas pouquíssimas unidades existentes no restante dos municípios e nas comunidades ribeirinhas<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Até 1987, um ano antes de sua emancipação política como Estado da federação brasileira, o Amapá possuía apenas 05 (cinco) municípios: Macapá (capital), Amapá, Oiapoque, Calçoene e Mazagão. Atualmente são 16 municípios que compõem o Estado do Amapá.

No plano privado, haviam pouquíssimas clínicas de atendimento geral e pediátrico, sendo que, somente a partir da década de 1980 surgiram as clínicas com especialidades em diferentes ramos da medicina. Por iniciativa do empresário italiano e missionário leigo do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), Marcelo Cândia, conhecido como o "Empresário dos Pobres", foi construído o Hospital-Escola São Camilo e ao Luís que, desde a fundação passou a ser referência de medicina com qualidade em todo o antigo território. Sobre o trabalho de pastoral do PIME e a obra caritativa de Marcelo Cândia não somente no Amapá, mas em toda a região amazônica e outras partes do país, CORRÊA et al (2007) afirma que:

"No trabalho religioso de cunho não-sacerdotal destacou-se o empresário e missionário leigo italiano Marcello Cândia, membro do PIME, conhecido como "o empresário dos pobres", que fundou, entre outras obras, o Hospital-Escola São Camilo e São Luís, além de investir em ações de caridade em outras partes do Brasil. (2007, p. 56)

Outra circunstância destoante dentro da realidade político-social do Amapá território e que evidencia um dos contrastes mais marcantes dessa conjuntura singular e atípica em determinados aspectos e que, embora fuja do contexto relacionado à temática enfocada no presente estudo, merece menção mesmo que a título de citação. Trata-se da localidade de Serra do Navio durante o período áureo da exploração manganífera, iniciada da década de 1950 e que elevou a níveis altíssimos, sob os auspícios da Indústria e comércio de Minérios S.A (ICOMI), a qualidade de vida daquele distrito, especialmente

do quadro de funcionários da empresa. No tocante aos serviços de saúde, o hospital local possuía melhor estrutura, aparelhamento e logística, além de um corpo de profissionais altamente qualificados. O fim da exploração de manganês em meados dos anos 1980 e a saída em definitivo da empresa, em 1996, mergulharam a região num processo de decadência que se estende até os dias atuais e preocupa as autoridades políticas do Estado.

Voltando à questão da Benzedura, um fator interessante que a caracteriza é a forte interatividade com outras manifestações religiosas e culturais é o fato de a Igreja Católica - como ocorre no restante da região norte e pelo país afora - reagir com altas doses de tolerância a essas manifestações do catolicismo popular e sincrético típicas da miscigenação racial brasileira desde o período colonial e muito presentes em regiões como a Amazônia e o Nordeste.

O ofício de curar através do ritual da Benzedura pode ocorrer associado a outras práticas, sobretudo no âmbito das festividades religiosas que são eventos cíclicos e cercados de grande expectativa e interesse tanto por parte da comunidade onde elas ocorrem, quanto nas comunidades adjacentes. Evidentemente que as festividades realizadas no interior do Estado possuem uma carga de atração maior em relação à presença das pessoas e à grande mobilização por parte das comunidades que as realizam, por serem eventos que movimentam variados aspectos como o turismo, a economia e, dependendo da importância da festividade, sua realização incluem esforços conjuntos do governo estadual, das prefeituras municipais e de setores do empresariado em nível local.

Muitas das vezes, a festividade em si é o maior e mais importante evento de toda uma localidade e sem a qual a mesma não sobrevive em todos os sentidos, sejam eles de ordem política, econômica, sociocultural, religiosa e, até mesmo, do ponto de vista histórico. Um exemplo que sintetiza tais postulados é a Festa de São Tiago que é realizada há mais de duzentos anos no distrito/vila de Mazagão Velho, no município de Mazagão.

Ainda assim, existe um conjunto de eventos circunscritos ao universo da religiosidade popular que ocorrem nos limites urbanos e causam considerável

impacto. O ciclo do Marabaixo e do Batuque, especialmente nos bairros do Laguinho, na antiga Favela (área entre o Centro e o Bairro Santa Rita, às proximidades do Estádio Municipal Glicério de Souza Marques) e no Largo dos Inocentes ou Formigueiros (atrás da Igreja Matriz de São José), são exemplos de eventos que, além de tradicionais sob o ponto de vista religioso, histórico e cultural, mobilizam uma imensa quantidade de pessoas a ponto fazerem parte do calendário cultural do município de Macapá com apoio do governo estadual e da prefeitura municipal.

Tais eventos, entre outros, possuem certos graus de similaridade com a Benzedura, muito embora existam circunstâncias ou pessoas que possam inviabilizar ou não aceitar tal proximidade ou envolvimento, mas, trata-se de situações até certo ponto isoladas. Em geral a Benzedura e as mulheres que curam ao benzer são pessoas carismáticas, extremamente simpáticas na sua grande maioria e benquistas no meio em que vivem e benzem, possuindo prestígio e poder que muitas das vezes ultrapassam os reduzidos ou ínfimos limites geográficos das suas comunidades.

Em determinadas circunstâncias, as benzedoras possuem uma ligação muito forte com outras modalidades de manifestação cultural e religiosa por razões familiares (parentesco entre pessoas que participam de diferentes manifestações e por conta disso, naturalmente se aproximam) ou pela diversidade de manifestações no seio de uma mesma comunidade

Um universo muito próximo e que possui alguns pontos em comum com a Benzedura é o das ladainhas, cujas maiores expressões são os senhores João do Cizino" (João da Cruz da Silva - Curiaú de Baixo). "Carolina" (Joaquim Araújo da Paixão Curiaú de Fora), Idalisio Cabral ou "Dada (Bairro do Pacoval), "Mienraiguer" (Cirilo Ramos - Curiaú de Dentro, Laguinho e Jesus de Nazaré), este último já falecido<sup>26</sup>. Neste rol de personalidades ilustres que se responsabilizaram pela preservação da cultura popular e religiosa de raiz negra africana com condimentos dos cultos indígenas e do catolicismo popular e sincrético, pontua com admirável mobilidade, articulação e dinâmica o Sr. Francisco Ferreira Ramos, amapaense nascido na localidade, Km9, 53 anos, conhecido popularmente como \*Chico da Lagoa".

Além de rezar ladainhas em festividades religiosas realizadas tanto em suas comunidades quanto em outras localidades do capital, do interior, nas comunidades ribeirinhas e até mesmo no Estado do Pará, mais precisamente na região do Marajó, Seu Chico divulga na mídia local os eventos com ênfase nas ladainhas. Ele também reúne outros rezadores em cerimônias com celebração conjunta e, há cerca de dois anos, passou a registrar em vídeo as cerimônias, tendo lançado dois dvd's com o claro objetivo de deixar para as futuras gerações o registro de uma tradição autêntica que precisa ser preservada e constantemente valorizada

#### **4.4. O cotidiano de reza e cura nas vozes das Benzedeadas**

No decorrer da pesquisa de campo durante a etapa laboratorial da construção do presente trabalho foram efetuadas entrevistas com benzedeadas renomadas de bairros tradicionais do município de Macapá: a Sras. Maria Pereira Silva, a Tia Anésia (amapaense, 110 anos, Bairro Santa Rita), Maria Castorina Ardasse da Silva (amapaense, 78 anos, Bairros Jesus de Nazaré e Lagunho) (Santa Rita), Nilcelene da Silva Trindade (amapaense, 42 anos, Bairro do Trem), Tereza Rosa dos Santos (amapaense, 103 anos, Bairro do Lagunho)<sup>27</sup>, Maria Couto Salomão (paraense, 76 anos, Bairro Canal do Jandiá)

Quanto à iniciação das benzedeadas entrevistadas nesse universo tão interessante, místico e fascinante, sob todos os aspectos, ocorreu de forma quase comum com todas elas, com algumas curiosas exceções. A quase totalidade das entrevistadas começou a demonstrar desde muito cedo esse dom que acreditam ser divino e, com o núcleo familiar dividido entre os que apoiavam e os que reprovavam ou se mantinham indiferentes a esse talento natural, elas, por dever de consciência e aceitação passaram a desenvolver as qualidades que passariam a nortear as atividades que viriam a praticar. Para ilustrar claramente esse aspecto, Dona Castorina atribui à faculdade divina o dom com o qual foi investida e a missão a ela destinada para efetuar suas curas sem, contudo, revelar a procedência e o núcleo de onde emanou os poderes para a sua prática, por tratar-se fundamentalmente de uma prerrogativa que "somente os benzedores sabem"<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> Vale ressaltar que o trabalho de benzedura, independentemente do indivíduo que a prática, não se circunscreve apenas à comunidade onde o benzedor ou benzedeira reside, ampliando seu raio de ação, atinge as populações das comunidades adjacentes, chegando a ultrapassar tais limites em determinados casos.

<sup>27</sup> Provável idade informada pela própria entrevistada sem, contudo, comprová-la via documentação pessoal;

Diferentemente de Dona Castorina, que omite a origem de seu poder curativo, Dona Nilce faz questão de enfatizar as motivações e circunstâncias que justificam sua atividade de benzer e curar, além de concluir, do alto dos trinta e dois anos ininterruptos de Benzedura, que o seu dom é inerente à sua natureza enquanto ser humano e que lutar contra a predestinação somente contribui para um conjunto de fatores negativos que levam a pessoa "escolhida" à tristeza, depressão, frustração e decepção diante das coisas da vida e do mundo. Tendo descoberto aos 15 anos sua aptidão juntamente com uma irmã, também dotada de mediunidade, ela afirma que as benzedadeiras possuem:

"Vários tipos de mediunidade. Então, a gente é do tipo que, a gente reza, incorpora as entidades com 'caboclos' como se fala. (...). Aí, eu comecei um desenvolvimento, entendeu? Com os meus quatorze anos, assim, rezava, começava a ter visões, que eu vejo muita coisa, tanto que eu jogo as cartas e vejo essas coisas, né?" <sup>29</sup>

Aos 110 anos, Dona Anésia num excepcional exercício de memória relembra da fase inicial de sua militância no universo da Benzedura, não obstante o fato de ter iniciado suas atividades depois de ter completado 31 anos de idade. Antes disso, exercia a atividade de parteira tradicional ou "aparadeira"<sup>30</sup>, sendo, dessa forma, a única a destoar do contexto que assemelha o processo de iniciação das benzedadeiras entrevistadas. De acordo com sua neta e pajem, Catilene de Souza Coutinho, amapaense, 30 anos, residente no mesmo domicílio da avó, a mesma

"Primeiro ela foi parteira, ela é parteira, então, na época, como ela morava no Mazagão, eles não procuravam médico, eram mais pessoas que faziam partos em casa e que benziam. Aí ela começou com uns trinta e poucos anos ".<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> Entrevista concedida em 27.11.2008;

<sup>29</sup> Entrevista concedida em 29.12.2008;

<sup>30</sup> Expressão que designava as mulheres que realizavam partos individuais, atividade muito comum nas localidades brasileiras em que faltavam profissionais médicos no campo da obstetrícia;

Ainda nesse quesito, a entrevistada da comunidade alagoanhense<sup>32</sup>, Dona Tereza Rosa dos Santos revela que a prática da benzedura é um exercício forjado a partir de princípios de hereditariedade, tendo se iniciado com o seu genitor (o nome não foi mencionado) e cujo prolongamento se estende por meio da 'benção' efetuada por uma neta (também não referenciada), como ela mesma observa:

"Meu pai benzia (...) e (proferia) a oração do 'Pai-Nosso', foi a primeira reza que Nosso Senhor Jesus Cristo deixou no mundo, foi o 'Pai-Nosso. Quando cura quebranto, a primeira coisa que a gente vai rezar é o 'Pai-Nosso'.<sup>33</sup>

Da área mais extrema do perímetro urbano da cidade de Macapá, emerge a figura da Sra. Maria Couto Salomão, conhecida popularmente como "Maroca" ou "Mãe Velha", residente há 18 anos em Macapá, sendo onze deles no Bairro do Pacoval e o restante na área do Canal do Jandiá<sup>34</sup>. O seu ingresso no universo da Benzedura se deu por influência familiar indireta, na medida em que sua sogra a iniciou nesse ofício, e, direta, por dar continuidade à atividade exercida por sua genitora, que também lhe ensinou a partejar. A militância como benzedeira se configurou, segundo suas próprias palavras:

"Eu comecei a benzer depois que eu tive minha primeira filha, e aí, minha sogra começou a me ensinar, pois, quem me ensinou foi a minha sogra; de parto foi a minha mãe e de bênção foi a minha sogra. (...) A minha mãe era parteira, a minha sogra, não, ela só era de benzer. Negócio de rasgadura, quebranto, espanto, tudo ela benzia".<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida em 11.03.2009;

<sup>32</sup> Termo que designa os moradores do Bairro do Laguinho, independentemente de terem nascido ou não na comunidade;

<sup>33</sup> Entrevista concedida em 10.03.2009;

<sup>34</sup> Área de urbanização recente, ainda que precária, localizada à margem esquerda do Rio Amazonas, no extremo norte da capital, onde aportam diariamente um conjunto de embarcações e se localizam uma expressiva quantidade de estâncias madeireiras. Atualmente, essa área é tida como um logradouro público (bairro) da periferia da zona norte de Macapá;

<sup>35</sup> Entrevista concedida em: 14.03.2009;

A 'Benzeção' ou 'Benzedura' se constitui num ofício caracterizado por uma forte carga curativa, cerimonial e carregado de um interessante arcabouço simbólico e ritualístico. Envolve misticismo, religiosidade, interatividade entre quem cura e quem se submete ao tratamento e, acima de tudo, fé na pajelança e nos poderes de quem a exerce a ponto de se abrir mão do tratamento médico convencional e optar voluntariamente pela cura através da medicina popular e sincrética manifestada no trabalho das benzedadeiras.

Inicialmente, a terapia compreende a alternância entre a reza (oração) calcadas no catolicismo e a massagem da área afetada (no caso de lesões corporais) e sobre a cabeça e a têmpora (nos casos de quebranto, feitiços e outros males que demandem a cura espiritual) com o uso de essências, banhas de animais, óleos, etc. A parte de massoterapia popular consiste na fricção das mãos sobre a área do corpo afetada simultaneamente aos detalhes do diagnóstico - feito no mesmo momento - e a prescrição do tratamento pós-benzeção a ser administrado pelo enfermo adulto ou o responsável no caso de adolescentes e crianças.

O componente ritualístico apresenta algumas peculiaridades ligadas a aspectos como o procedimento e a metodologia adotada por cada Benzedeira. Dona Castorina, cuja fama se estende de sua comunidade para todas as outras da capital, chegando ao interior do Estado e até transcendendo os limites

geográficos amapaenses, possui uma forma muito pessoal de executar seus trabalhos de cura e reza, reafirmando o caráter fundamentalmente religioso das ações que realiza. Segundo ela:

"Eu tenho fé em Jesus. Eu tenho meu trabalho, mas antes eu me sento aqui e, logo, peço licença para o meu Pai, 'proteja o meu trabalho, me ajuda, me dá força para que eu consiga recuperar essa pessoa. Porque vem gente deitado de cama, quando levanta, graças a Deus, já é com seus pés. Eu tenho muita fé em Deus".<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida em: 27.11.2008.

Dona Maria Couto Salomão acentuou os tipos de problemas ou enfermidades mais frequentes no cotidiano de suas atividades e que contribuem para a propagação da fama de quem 'benze' e cura para além das fronteiras de sua comunidade, aumentando a clientela e, conseqüentemente, o status e a proeminência das mulheres benzedeiros. Sobre os motivos que levam uma quantidade cada vez maior de pessoas até seu domicílio, incluindo pessoas cuja demanda constitui certos tipos de habilidades que, em alguns casos, as benzedeiros não dominam ou se são avessas. Nesse aspecto, ela enfatiza com certa veemência, que:

"Ah, esse negócio de barriga, puxar barriga, quebranto e rasgadura. Teve uma senhora que veio aqui, que era pra mim fazer um...  
 - 'A senhora que é a Maroca?  
 - Sou!  
 Só me tratam Maroca, mas meu nome é Maria.  
 - Eu vim aqui pra senhora fazer umas garrafadas.  
 -Ah, minha mana, esses negócio de garrafada, eu não sei.' Eu não entendo de fazer esse negócio (...), sabe?"

No que concerne aos universos alheios ao trabalho das benzedeiros, as chamadas 'garrafadas' constituem um dos aspectos mais referenciado em termos de distanciamento ou repulsa, por se tratar, segundo algumas das benzedeiros entrevistadas, de algo relacionado ao universo do Candomblé ou aos rituais de Macumba. Algumas, como Dona Castorina, admitem certas

práticas que, embora desenvolvidas, não despertam muita simpatia. Em relação a esse aspecto, ela afirma:

"(...). Eu benzo, eu faço banho. Meus banhos são de ervas, eu não gosto de macumba. Às vezes, você tá com problema, você tem o seu trabalho, você tem o seu carrão e você bota all. Você não leva o seu carro na porta de uma igreja pra jogar água benta por cima, o padre pegar uma mentira ou seja lá o que for, né? Você tá enganado, porque esse aqui (apontando para os olhos), é o maior feitiço do mundo. São os nossos olhos. (...). Se cuide. Por que o mal olhado derruba tudo, ele acaba".<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida em: 27.11.2008

Outras como Dona Nilce, observam detidamente o comportamento das pessoas que procuram pela benção, acentuando a má intenção de alguns clientes que procuram o tratamento alternativo para encomendar infortúnio para terceiros tidos como desafetos ou pessoas que simplesmente lhes despertam inveja. Pessoas desse tipo, segundo ela, confundem e deturpam um trabalho cuja natureza, essência e caráter são claros indicativos de bondade, solidariedade, unção, socorro e religiosidade. Para aqueles que a procuram para "fazer o mal", ela afirma de forma contundente:

"Eu gosto de trabalhar com a luz, tem muita gente que frequenta a minha casa, de todos os níveis, (...) tem muita maldade na cabeça do pecador, porque, às vezes, a pessoa vem cuidar do mal, pra tirar uma energia negativa, pra fazer uma cura, mesmo, mas tem muita gente querendo fazer o mal para os outros. Pra mim, eu procuro ganhar luz, porque nós vamos pagar tudo no Juízo Final. Se eu fizer o mal pra você, esse mal volta pra mim."<sup>38</sup>

Quanto a não aceitação ou mesmo recriminação da atividade entre os familiares, a Sra. Josefina Ardasse Picanço, 75 anos, solteira, doméstica, residente na Av. Mãe Luzia, nº 737, Bairro do Laguinho, irmã de Valdomira Ardasse Picanço, conhecida como "Dona Vardica", uma das mais conceituadas benzedadeiras de Macapá, residente durante décadas no Bairro Jesus de Nazaré e falecida em 1982, confessa que não gostava da atividade exercida pela irmã

e, quando procurada durante a pesquisa de campo, esquivou-se de entrevistas e limitou-se apenas a declarar:

"Não tenho nada pra falar sobre isso. Eu respeitava a minha irmã demais, mas não gostava disso, aliás, nunca gostei. Eu não acredito nessas coisas. Ela (a irmã) sempre teve com isso desde nova, mas eu nunca gostei e nunca quis saber. Não tenho nada contra, mas não gosto, não gosto nem de falar desse assunto. Me desculpe".<sup>38</sup>

Ao longo de mais de duas décadas e meia de militância no universo da Benzedura, a experiência de Dona Nilce aponta para as dificuldades de manifestação do referido dom no ambiente de famílias tradicionalmente católicas ou protestantes, cujo fundamentalismo doutrinário não permite desvios de rota e manifestações contrárias ao ideário dogmático.

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida em: 29.12.2008.

<sup>39</sup> Declaração feita informalmente durante a pesquisa de campo, em 09.03.2009.

No caso de sua família, a proporção foi muito mais impactante pelo fato de, além dela, uma irmã mais velha também ter manifestado o mesmo dom e ter, por conta disso, sofrido as consequências dentro e fora da família. Ela assinala:

"Eu tenho uma irmã que também era 'média', a gente nasceu com essa mediunidade, só que a minha irmã, ela nunca aceitou, né? Não gostava do espiritismo, então vi ela sofrer muito por causa das entidades. (...) Meu pai era muito católico e não aceitava essas coisas (...) eu também não queria passar a vergonha que é passava e também a minha mãe me levava para o psiquiatra, aí ele começou a passar 'Gadernal'. Aí o médico mesmo falou pra minha mãe: 'Se eu fosse a senhora, começava a procurar esse tipo de ajuda porque essa moça não é aqui pra nós, procure um espírita".

Dona Nilce também fez questão de abordar a experiência vivenciada por terceiros para ilustrar mais enfaticamente as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos dotados do dom de benzer e curar. A carga de preconceito que recai sobre as pessoas detentoras desse poder espiritual é tão pesada e intensa que, em muitos casos, as benzedoras ou benzedores, são tidos como desequilibrados mentais e internados em unidades psiquiátricas. Sobre esse aspecto, ela cita o caso de um cidadão interiorano que frequenta sua casa e que:

"(...) Ele foi internado como 'doido' na Psiquiatria aqui, toma remédio. Os pais nunca aceitaram; a mãe, sim; o pai, não. (ES). Teve na minha casa, hoje em dia ele não frequenta mais o hospital, ele era espírita também, Era um problema espiritual, não psiquiátrico. Graças a Deus, ele não frequente mais essas coisas (tratamento psiquiátrico)

Circunstâncias como essa e diversas outras atravessam a trajetória das mulheres benzedoras a começar do núcleo familiar, passando por setores componentes do universo de suas comunidades, o meio profissional e a sociedade como um todo. Tais mulheres, diferenciadas em muitos aspectos em comparação com as outras categorias pessoais ou pertencentes ao mercado de trabalho, em qualquer de suas configurações, vivem uma rotina diária na linha tênue entre a aceitação ou a rejeição em função da atividade que exercem.

#### **4.5. O que pensam os médicos, acadêmicos de medicina e outros profissionais sobre a Benzedura**

Evidentemente que um trabalho de investigação, pesquisa e análise de uma temática tão presente no cotidiano de diferentes lugares e sociedades do país e do Estado do Amapá, como se afigura o fenômeno das mulheres benzedoras, jamais poderia prescindir de trazer à baila das discussões acerca desta curiosa e rica problemática, as vozes advindas do universo da medicina constituída de modalidades terapêuticas de bases científicas membros, tanto os que já se encontram em pleno exercício profissional, quanto daqueles que ainda militam no ambiente acadêmico onde são abastecidos de conteúdos teóricos e científicos para adentrarem o mercado de trabalho desse ramo profissional tão indispensável para a sociedade planetária.

No decorrer da pesquisa de campo foram entrevistados 01 (um) profissionais médicos de diferentes especialidades e dois acadêmicos de medicina em fase de residência médica para que registrassem suas impressões sobre a benzedura e as mulheres que a exercem a despeito dos tratamentos existentes na medicina em seu estágio atual.

No rol de entrevistados foram selecionados indivíduos que possuem relação íntima ou mesmo indireta com o objeto de estudo e problematização para que fosse possível elencar os diferentes posicionamentos e atitudes diante do mesmo e para medir o grau de aceitabilidade ou repulsa-dependendo evidentemente da circunstância, contexto ou conjuntura em que a benzedura suscita no cotidiano dos depoentes - ante a ocorrência dos casos de cura via orações, essências, ervas, banhos, massagens e condimentos naturais da medicina eminentemente popular. Neste tocante, observa-se a opinião da acadêmica de fisioterapia, Deolene Moura Monteiro, 33 anos e do acadêmico de Medicina, Omar H. Ballarini, quanto à eficácia dos meios alternativos de cura, no caso do presente, a benzedura. A acadêmica de fisioterapia acredita que:

(...) todo mundo procurava as benzedoras pra resolver os problemas das pessoas e tais, fosse problema de saúde ou de qualquer outra coisa, e por isso as pessoas acabavam por levar muito em consideração o que elas diziam.<sup>40</sup>

E revela ainda que, por vezes se utilizou desses meios para buscar cura para algumas moléstias que lhe afligiam:

Particularmente, ou não suporto médico, mas devo admitir que vou mais nelas do que em um médico. Mas ainda vou nelas sim. Muito de vez em quando eu vou lá na Dona Castorina pra ela puxar uma rasgadura que eu tenho na costa. Me dá um ódio quando o médico me diz que é apenas uma distensão leve, se ele soubesse a dor que eu sinto quando isso dá.

Mas, apesar de ainda procurar ainda a ajuda de benzedoras, ela admite que essas práticas são procuradas com menor frequência, pois:

Tipo, a cidade cresceu muito. Isso é notório! Sem falar que tem muita gente de fora que traz outra coisa, sei lá, outras experiências talvez, e a gente acaba se levando por essas mudanças. Assim, tipo, eu continuo acreditando, não, eu acredito, meio que, elas fazem o que faziam há dez anos atrás, mas nem todo mundo continua com a mesma fé, entende? Antes elas eram mais procuradas, mas hoje não.

A despeito da opinião, da acadêmica, observa-se que, com todo arcabouço teórico adquirido na faculdade, a sua crença persiste, mas agora com uma nova interpretação, pois o conhecimento adquirido permite que ela perceba que os fatores que influenciam o processo de cura baseiam-se em conhecimentos empíricos sobre as plantas e em fatores psicológicos dos pacientes. O acadêmico de Medicina, Omar Haddad Ballarini, 26 anos,

compartilha do mesmo pensamento da acadêmica de fisioterapia: "(...) acredito que a fé talvez ajude o cérebro a mandar estímulos aos sistemas do corpo, como por exemplo o sistema imunológico. Mas ela (a fé) tem que estar associada com outras coisas, para que funcione um tratamento.

Dentre os entrevistados durante a pesquisa de campo, foram selecionados alguns depoentes de acordo com critérios relacionados a experiências com benzedeadas. O funcionário público Juvenil Moreira Braga, amapaense, divorciado, 46 anos, afirma que no final da década de 1980 era uma prática frequente, é uma prática tradicional.

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida em 27.12.2008

Quebranto, diarreia, levava para o benzedor, e o benzedor rezava e curava criança. Nem tudo era doença para medico cuidar, e sim para benzedor." E que ainda hoje procura, com uma certa frequência o auxílio de uma benzedead.

Busco constantemente. Hoje eu vou mandar puxar a minha costa. Vou procurar uma benzedead. Pra essas coisas eu não procuro médico, e sim benzedead que sabe puxar. Médico não sabe curar rasgadura, eles passam remédios que não servem.

A contra ponto, analisa-se a opinião do Dr. Pedro Paulo Dias de Carvalho, vice-governador e secretário estadual de saúde desde outubro de 2006, exercendo a profissão de médico especialista em urologia, nascido em 1959 em Macapá e criado em uma zona ribeirinha no município de Chaves (PA), conheceu desde a infância o fenômeno da Benzedura e sempre soube lidar com as circunstâncias relacionadas aos processos de cura por parte de "médicos" sem formação acadêmica e dotados de poderes tido como sobrenaturais. Enquanto médico e gestor público, possui uma leitura bastante esclarecida sobre o trabalho das mulheres benzedeadas. Segundo ele:

Tem espaço pra todos, confesso pra você, que eu jamais na qualidade de médico, jamais iria criticar ou até mesmo fazer qualquer tipo de comentário negativo a respeito desses procedimentos, são milenares. (...) e todo procedimento que busca a diminuição de um sofrimento, a diminuição de uma dor, nós temos que buscá-las, nós temos que esgotar todas essas possibilidades. A questão, por exemplo, do parto normal, eu confesso pra você que, hoje, com os conhecimentos médicos que eu tenho, eu compreendo que as

parteiras elas têm o seu papel no sentido de orientação, do aspecto psicológico das parturientes, porque numa gestação, a questão psicológica influencia muito(...). Agora, eu não sou muito favorável, que no mundo de hoje, com toda a tecnologia que nós temos, com todo o conhecimento que nós temos, a gente colocar uma moça de dezessete anos do interior pra fazer um parto com uma parteira. Eu acho que a parteira ela tem o seu papel nesse processo de condução da gestação, acompanhando, explicando, passando a sua experiência, agora a realização do parto em si, eu pelo menos sou fruto de alguém que teve parto normal, assistido por uma parteira tradicional, mas hoje, os meus filhos, eu gostaria que eles fossem trazidos ao mundo por uma parteira? Claro que não. Eu quero que seja feito por um médico que estudou, amparado por toda uma tecnologia. O que é que nós temos feito hoje, a Secretaria Estadual de Saúde tem feito? Nós temos proporcionado cursos, pra que essas parteiras possam conduzir esse trabalho que eu estou te dizendo de acompanhamento, de fiscalização, você tem que fazer o pré-natal, porque o pré-natal é fundamental (...). Então, veja bem, nós temos na nossa região uma dificuldade muito grande com profissionais médicos, a dificuldade é enorme, e eu vejo que ainda nos interiores, ainda existe um número grande de partos provocados pelas parteiras, feito pelas parteiras. O próprio Governo do Estado paga bolsa para as parteiras. Tem um programa, então aí, você me diz: você é contra o programa? Não, não sou contra o programa, eu só acho que, o que que eu estou fazendo, eu to fazendo de tudo pra que essas parteiras só sejam utilizadas nos casos extremamente emergenciais...

A opinião do entrevistado é fundamental para a análise do objeto e da problematização ora propostos, tendo em vista os papéis sociais que exerce: médico, gestor da Secretaria de Estado da Saúde e Vice-Governador. Tais papéis sociais e a sua formação acadêmica influenciam de forma determinante a sua opinião: admite a benzedura e o trabalho das parteiras são elementos cruciais da cultura macapaense, e conseqüentemente, da cultura amapaense, mas que diante dos avanços tecnológicos, o Estado não pode permitir que a população tenha tratamentos vistos como precários, quando este tem por obrigação oferecer o que de melhor pode se proporcionar.

Tem o seu papel. Agora, eu quero que as mulheres do Estado do Amapá tenham os seus filhos com médicos, dentro de unidades hospitalares que tenham as condições necessárias.

(...)

(...) nós estamos ainda num país emergente, subdesenvolvido, e que o número de profissionais médicos não consegue atingir todas as regiões e nós temos que fazer com que essas pessoas, as parteiras tradicionais, elas tenham um mínimo de conhecimento pra que possam, pelo menos, numa situação emergencial, o que eu não aconselho, eu acho que as mulheres devem ter seus filhos em casas hospitalares apropriadas, porque eu não consigo, mais nesse mundo atual, compreender que as pessoas tenham os seus filhos lá nos interiores sem as mínimas condições.

#### **4.6. A Benzedura como desdobramento da religiosidade católica**

A influência que as benzedoras exercem emana não somente da fé que as pessoas de uma comunidade tem nas benzedoras, mas também da igreja Católica, que as reconhece como "servas de Deus Para a compreensão desta relação será utilizado o conceito de circularidade social de Carlo Ginzburg, que consiste na dinâmica de aspectos da cultura popular por parte da cultura de elite (institucionalizada), ou seja, o movimento recíproco e contínuo que influencia os vários níveis de cultura Essa assimilação por parte da Igreja Católica reforça a autoridade que estas mulheres têm perante a sua comunidade, pois as reconhece como instrumentos de Deus, dando-lhes ainda uma atividade oficial naquela instituição que é o passe católico.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade brasileira em todas as suas estratificações apresenta como uma de suas principais características um caráter amplo, abrangente multifacetado, cuja diversidade se reveste de uma dimensão bastante singular em cada uma das regiões do país e, particularmente na Amazônia, esse quadro apresenta um conjunto de peculiaridades relacionadas às condicionantes políticas, econômicas e sócio culturais e aos desdobramentos da religiosidade católica, especialmente advindos da sua vertente popular e configurados através de uma expressiva quantidade de festividades e manifestações, dentre as quais se pode destacar a prática da Benzedura.

No Amapá, de forma muito particular na capital Macapá, a religiosidade popular e a cura de enfermidades, moléstias e resolução de problemas através do ofício da Benzedura, ocorrem ainda com forte incidência e impacto não obstante as transformações que se processaram no cerne da sociedade local, sobretudo a partir da elevação do antigo território federal à categoria de Estado, em 1988, a instalação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS) e o conseqüente aumento populacional dela decorrente e que deslocou para o então nascente Estado, principalmente para a capital cuja população cresceu em níveis até então nunca atingidos.

Apesar desse contexto de mudanças que alteraram sensivelmente o cotidiano da sociedade macapaense, a Benzedura ou Benzeção, entre outras manifestações oriundas do catolicismo popular, ainda pontua com desenvoltura no tratamento das mazelas e problemas que atingem a sociedade local em seus diferentes segmentos. Nesse curioso universo, emerge com destaque no perímetro urbano do município de Macapá o contingente das mulheres benzedoras cuja proeminência se estabeleceu a partir de um núcleo comunitário - Bairro do Laguinho - para posteriormente se irradiar por todos os outros núcleos adjacentes ou não à sua circunscrição, num interessante composto terapêutico de reza e cura acompanhado da aplicação de essências medicamentosas que incluem chás, óleos, banhas animal e vegetal, ervas, caroços, folhas e produtos farmacêuticos fabricados em laboratórios (cremes, pomadas, emplastos, etc.) ingeridos ou aplicados na área do corpo afetada por lesões, torções ou acidentes. A Benzedura é recomendável no tratamento de diferentes tipos de moléstias, enfermidades ou males do corpo e da mente (mau olhado, pragas, inveja, mau agouro, obtenção de sorte no dia-a-dia, no emprego, nos relacionamentos amorosos ou quaisquer outras circunstâncias)

O habitat dessa prática em Macapá é incontestavelmente o Bairro do Laguinho e o início do fenômeno - concomitante ao surgimento do bairro, remonta aos anos iniciais após a criação do Território Federal do Amapá (TFA), durante a década de 1940. A Benzedura obviamente precede a origem da comunidade, contudo, sua incidência mais impactante se desenrola no contexto e período citados, no cume da expansão urbana da cidade. A propagação, massificação e cristalização da Benzeção junto ao corpo social do município também se confundem com a evolução histórico-cultural de Macapá, como de resto, de todos os outros municípios e localidades.

A compreensão acerca de uma atividade to recorrente quanto interessante do ponto de vista sociológico e antropológico-sem referenciar as matrizes culturais demandas um roteiro de estudo, análise e problematização bastante atirangenta a realizado sob notários de investigação e pesquisa de campo que compreendam d conjunto de outras manifestações que possuem íntima, estreita ou relativa proximidade com o objeto e a visibilidade sobre o

universo de religiosidade (catolicismo popular) no qual se encontram inseridas as "Mulheres Benzedoras e suas curas e rezas

Desde etapa colonial, as circunstâncias advindas do sincretismo religioso expresso pelos negros escravos e compreendido como uma das mais dinâmicas e eficazes modalidades de reação à escravidão - e suas correlações com o cristianismo católico ibérico e os cultos e rituais indígenas, as manifestações resultantes desse entrelaçamento étnico passaram gradativamente a influenciar, sob a égide de um forte apelo religioso, no cotidiano dos segmentos componentes da sociedade brasileira.

Explicar a longevidade de um fenômeno circunscrito ao universo da cultura eminentemente popular com fortes traços de religiosidade e simbolismo, não consiste em tarefa das mais simples pelo contrário, exige um rigoroso exercício teórico metodológico cujo alicerce de maior solidez e funcionalidade reside nos postulados advindos da Nova História Cultural, presentes em autores como Lynn Hunt e Peter Burke, entre outros. A primeira, enfatiza a importância do significado da História Cultural, enquanto campo novo e em franca expansão, cuja abrangência na abordagem dos objetos engendra estudos mais aprofundados sobre micro campos anteriormente pouco referenciados. O segundo autor celebrou-se nas últimas quatro décadas como o principal historiador da vertente de estudos e pesquisas no campo cultural e, entre seus principais postulados, pontua a emergência de aspectos culturais do comportamento humano como centro privilegiado do conhecimento histórico e direcionados a um outro universo composto de valores pertencentes a grupos particulares, em espaços e épocas específicos.

A Benzedura se apresenta como um elemento dinâmico no cerne das manifestações culturais oriundas das ações individuais e coletivas dos estratos menos assistidos da sociedade brasileira, incidindo com maior intensidade nas áreas rurais e ribeirinhas de regiões como a Amazônia e o Nordeste. No Amapá, especialmente em Macapá, esse fenômeno se faz bastante presente nos logradouros que constituem o perímetro urbano do município de Macapá. Manifestação forjada a partir dos eventos relacionados aos núcleos sociais compostos por afrodescendentes e que se irradiaram a partir do Bairro do Laginho, proliferando-se por toda a cidade, a começar da efetivação do

processo de expansão urbana ocorrido no período imediatamente posterior à criação do Território Federal do Amapá. Tais eventos, Benzedura e configuração do espaço urbano de Macapá alocam num mesmo quadrante, a religiosidade e a poder público, em sentido convergente ou na via contrária, dependendo das circunstâncias que atravessaram suas trajetórias

Nesse aspecto, o ofício da Benzedura pelas mulheres a partir do Bairro do Laginho ganha uma dimensão espetacular, na medida em que se reveste, ao longo de seu curso, numa ação social que potencializa individual e coletivamente os sujeitos atuantes, atribuindo-lhes um poder natural que se estende através de gerações gestadas no plano familiar, em meio aos serviços prestados no interior de uma determinada comunidade ou além desse limite. Esse caráter é ratificado por Michel Foucault, que reconhece a atribuição de autoridade aos indivíduos que efetuam o suprimento de diferentes demandas sociais em seu convívio familiar ou comunitário, tornando-se imprescindíveis para o corpo social do qual tomam parte e assumindo posição de destaque em nível local a despeito de condicionantes de ordem social, cultural, política ou econômica. Através da Benzeção, as mulheres passam a ocupar a linha de frente das transformações que podem modificar radicalmente o cotidiano de suas comunidades ou setores que lhe são adjacentes.

Na oralidade expressa através do exercício da memória, pormenorizado de forma dinâmica em autores como Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, os holofotes de reconstrução de acontecimentos históricos de um passado recente incidem sobre as falas de pessoas idosas, testemunhas oculares das circunstâncias expressas em seus relatos. Mais do que testemunhas oculares, as Benzedoras são as personagens principais dos episódios transmitidos nos depoimentos relacionados às curas alternativas e à manutenção do status quo do catolicismo tradicional e dogmático por meio de suportes simbólicos e ritualísticos do catolicismo popular e eminentemente sincrético.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHALHOUB, Sidney et al. Artes e ofícios de curar no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

CHARTIER, Roger. Cultura popular revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, v. 8, n. 16 (1995), pp. 179-192.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Orgs. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Elsevier, 1997.

HOLANDA, Aurélio B. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1988;

HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, Pajés, Santos e Festas. Catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.

MORAIS, Paulo Dias; ROSÁRIO, Ivoneide Santos Amapá de Capitania a Território. Macapá: JM Gráfica, 1999.

MORAIS, Paulo Dias et al. O Amapá na mira estrangeira: dos primórdios do lugar ao laudo suíço. Macapá: JM Editora Gráfica, 2003.

MORAIS, Paulo Dias. Governadores do Amapá: principais realizações. Macapá: Gráfica JM, 2005.

PICANÇO, Márcio José da Silva. História e urbanização em Macapá: bairro do Zerão na década de 1990. Monografia. História. Macapá. AP. FAMA, 2006.

PERROT, Michelle. A história dos excluídos: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRIORI, Mary Del. Religião e religiosidade no Brasil colonial. São Paulo: Ática, 2001.

SILVA, Edson M. et al. A fina flor do Buriti: origens, permanências, mudanças e perspectivas no bairro do buritizal (1958-2007). TCC. História. Macapá. AP. UNIFAP. 2007.

SANTOS, Fernando Rodrigues dos. História do Amapá. 7ªed. Belém: Grafimorte, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial, São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SILVA, Edson M. et al. A fina flor do Buriti: origens, permanências, mudanças e perspectivas no bairro do buritizal (1958-2007). TCC. História. Macapá. AP. UNIFAP. 2007.

THOMPSON, Paul (1935-). A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

XIMENES, Sérgio. Minidicionário da Língua Portuguesa. 2ª Ed. São Paulo: Ediouro.



**ANEXOS**

**Entrevista com o Sr. Heldoelson de Sousa Alencar Filho, 48 anos, autônomo, natural de Macapá-AP, residente no bairro Congos. Entrevista realizada no dia 19 de dezembro de 2009, em sua residência.**

1) Como era disponibilidade de médicos e hospitais em Macapá no final da década de 1980?

Resp.: Médica em Macapá naum tinha, só curandeiro. A gente saia daqui e ia p Belém, mas eu trouxe a minha filha de Belém p ser curada aqui por uma bezendeira. Ela me cobrou um cruzeiro pra colocar na frente do santinho e ele benzou por três meses. Um crioulo Seu Júlio.

2) Como você via as praticas das benzedeadas/parteiras no final da década de 1980?

Resp.: Eu não acreditava, mas eu levei minha fila p Belém em uma clinica, cara em um caixote. Eu brigueina clinica porque lá era um puleiro. Resolvi vir p Macapá. Minha filha nem dormia mais. Hoje ela é bonita, forte e exuberante. Se não fosse ele eu tinha perdido a minha filha.

3) Qual a influencia que o processo de urbanização da cidade de Macapá trouxe para sua crença na autoridade e no trabalho das benzedeadas/parteiras?

Resp.: Acreidot muito mais nessas pessoas do que nesses malditos médicos, bando de pilantras, safados. Sabe quantas vezes eu tomo remédio de farmácia, nenhuma. Esses nossos médicos, não todos, não valem nada. Eles mão fazem uma atualização.

4) Voce ainda busca com frequência a ajuda física ou espiritual das benzedeadas?

Resp.: Sempre eu busco as pessoas mais antigas que sabem mais que esses médicos. Os médicos são a classe mais baixa que tiver.

5) Em sua opinião benzedeadas/parteiras ainda exercem autoridade dentro de sua comunidade?

Resp.: Eu te garanto que 99 por cento acredita. Eu pelo menos sou um, eu naum tomo remédio de farmácia, se disserem que merda de cachorro passa a dor eu acredito, mas se me derem dipirona eu não tomo.

6) Na sua opinião esta autoridade vai desaparecer um dia?

Resp.: Olha, tudo isso possa acontecer. É hereditário. Se nos continuarmos a mostrar isso p nossos filhos, eles vão acreditar mais nessas pessoas do que nesses médicos. (classe de médico).

**Entrevista com o Sr. Omar Hadad Ballarini, 26 anos, acadêmico de medicina, residente no Bairro Cabralzinho. Entrevista realizada em 21 de dezembro de 2008.**

Alinne Nauane- O que você entende por meios alternativos de cura?

Omar- buscar a cura sem ajuda de fármacos industriais?

A- Então, se você acredita em meios alternativos de cura, o que acredita que torna esses meios eficazes?

O:- Conhecimento empírico de coisas certas embora ainda não explicada pela ciência e a fé.

AN- Você sabe que a cura não depende exclusivamente do médico, mas também do paciente Fazendo uma analogia com as benzedeira, você acredita que a fé que as pessoas tem nesses meios se torna um fator determinante para o resultado entenda fé como fator psicológico.

O:- Sim, acredito que a fé talvez ajude o cerebro a mandar estímulos a os sistemas do corpo, como por exemplo o sistema imunológico, mas ela (a fé) tem que estar associada com outras coisas para que funcione um tratamento

AN- Tendo em vista, que as mudanças ocorrem cada vez mais rápido e que antigos hábitos e algumas tradições são deixados de lado, você acha que a prática das benzedieras continuará presente nas comunidades (em Macapá).

O:-acho que sim, é uma pratica muito antiga. E quando as pessoas perdem sua esperança em tratamentos médicos, buscam no desespero, como ajuda, o que não podem explicar.

**Entrevista com o Sr. Juvenil Moreira Braga, 46 anos, funcionário público, natural de Amapá-AP, residente no Bairro São Lázaro. Entrevista realizada em 20 de dezembro de 2008, em sua residência.**

- 1) Como era a disponibilidade de médicos e hospitais em Macapá no final da década de 1980?

Resp. Era difícil, não tinha muita disponibilidade. Faltava médico especialista. Qualquer coisa a gente levava para o benzedor. Ele resolvia.

2) Como você via as práticas das benzedadeiras/parteiras no final da década de 1980?

Resp.: Era uma prática frequente, é uma prática tradicional. Quebranto, diarreia, levava para o benzedor, e o benzedor rezava e curava criança. Nem tudo era doença para medico cuidar, e sim para benzedor.

3) Qual a influência que o processo de urbanização da cidade de Macapá trouxe para sua crença na autoridade e no trabalho das benzedadeiras/parteiras?

Resp.: Afetou, houve uma diminuição considerável. A prática de bezenção está quase que acabando. Hoje as pessoa procuram mais os médicos. Com certeza.

4) Você ainda busca com frequência a ajuda física ou espiritual de benzedadeiras?

Resp.: Busco constantemente. Hoje eu vou mandar puxar a minha costa. Vou procurar uma benzedeira. Pra essas coisas eu não procuro médico, e sim benzedeira que sabe puxar. Médico não sabe curar rasgadura, eles passam remédios que não servem.

5) Em sua opinião benzedadeiras/parteiras ainda exercem autoridade dentro de sua comunidade?

Resp.: Sim. Mas não como antes, mas ainda influenciam muito. Principalmente nos interiores e nas regiões mais afastadas da cidade.

6) Na sua opinião esta autoridade vai desaparecer um dia?

Resp.: Vai, totalmente não, vai reduzir a quase nada, principalmente nos grandes centros.

**Entrevista com o Sr José Idalisio Cabral, funcionário público, natural de Campina Grande, Macapá-AP, residente no bairro do Pacoval. Entrevista realizada no dia 17 de março de 2009, em sua residência.**

ALINNE NAUANE: Há quanto tempo o senhor mora aqui?

JOSÉ IDALISIO:-27 anos.

AN-E antes de morar aqui, o senhor morava onde, quando senhor era pequeno?

JI:- Eu nasci, e me criei até os dezessete anos na comunidade de Campina Grande, que fica no KM 21 da Macapá-Jari. Ali próximo do Balneário do Tomé.

AN:- Desde quando o senhor reza Ladainha?

JI-Eu tô há seis anos.

AN:- Isso é uma tradição na sua família?

JI- É Meus pais, meus tios, todos rezavam ladainhas.

AN:- E o senhor reza muita ladainha hoje?

JI:- Quando convida, né. Por exemplo, eu tenho uma pra rezar amanhã, lá no Mata Fome.

NA: - E Mata-Fome fica onde?

JI: - Fica aqui na estrada AP-70, ali próximo do Abacate da Pedreira,

AN: - O senhor já foi em uma benzedeira? O senhor conhece alguma benzedeira?

JI:- Já. Conheço várias benzedadeiras

AN:- E o senhor já foi em uma? Pra benzer pra puxar?

JI:- Já, até mesmo porque a minha mãe é uma. A minha mãe é benzedeira, é parteira, puxadeira.

AN:- A sua mãe ainda é viva?

JI- É viva.

AN-E onde ela mora?

JI: - Na comunidade de Campina Grande.

AN: - O senhor pode contar um pouquinho da história da sua mãe pra gente?

JI:-Da minha mãe eu até não sei, mas da minha avó eu tenho bastante história pra contar. Porque a minha avó também era parteira benzedeira, puxadeira e parteira.

AN: - Qual é o nome da sua avó?

Jl: - É Thereza, com "H", Cabral. Era uma negra, descendente do Curiaú, que chegou pra morar na comunidade de Campina Grande em 1930, e lá habitou até (19)78, quando ela nós deixou e partiu pro andar de cima

AN: - E naquela épocas, as pessoas procuravam muito ela?

Jl: - Procuravam muito, até mesmo porque tinha bastante, mas como diz a história, puxador tem muito, mas que saiba puxar são poucos.

GISELA: - E além de puxar, procuravam ela pra quê?

Jl:- Pra benzer, e pra partejar, inclusive, acho que ela aqui foi uma das grandes parteiras, aproximadamente ela pegou mais de cem crianças, entre Matapi, Maruanum, São Pedro dos Bois e Macapá.

AN:- E o senhor nasceu nas mãos delas?

Jl:- A minha mãe teve nove filhos e todos os nove foi ela que pegou, e todos nascidos na comunidade de Campina Grande.

AN:- E naquela época, tinha muita falta de médico?

Jl:- E como tinha, porque o Amapá antes de Território (Federal), era município do Pará, era muita escassez de médicos, enfermeiros e outros, então a única forma que tinha era os puxadores, os benzedores, era os chamados curandeiros, que tinha bastante. Inclusive eu sou de uma família que tem essa tradição de curandeiros, benzedores, puxadores e parteiros e rezadores de ladainhas, um bocado deles.

AN:- E o senhor não quer contar alguma experiência que o senhor teve? A sua avó lhe puxou, quando o senhor era criança?

Jl:- A experiência maior que eu tive é que quando eu tinha sete anos, eu cai e quebrei o braço. Esse braço, que a veia bateu pra cá, com o trinta dias eu já tava bom, com os poderes da minha avó, e com a benção de Deus.

G:- E a sua mãe ou a sua avó, nunca falou pra você como foi pra ela chegar a ser benzedora? Como foi pra ela adquirir esse dom?

Jl:- Olha, isso aí é um dom determinado por Deus, porque esse dom de benzedor e parteira, isso aí é um dom de Deus, porque até mesmo, a minha avó, o primeiro parto que ela fez foi o da minha mãe: ela teve sozinha, em 1926, foi o primeiro parto que ela fez, e daí ela começou a carreira de parteira e daí ela só deixou de fazer, o último parto que ela fez foi em (19)76, e dois anos após ela faleceu.

AN:- Qual foi o motivo para o senhor começar a rezar ladainha? Porque o senhor já tem um histórico de família de pessoas que têm o dom de ajudar as outras?

Jl:- Isso aí, é bem simples. É porque quando a gente era criança, o meu pai rezava ladainha, e a gente nunca se interessou em aprender porque tinha ele pra rezar. E a sempre gente dizia "pra quê aprender? Tem o papai pra fazer!". E quando o Papai do Céu precisou do Papai da Terra, a gente precisou de um rezador, e nós temos uma festa na nossa Comunidade, que é de Santa Luzia, que é na época de dezembro, e a gente tinha muita dificuldade de conseguir um rezador, até mesmo porque a escassez financeira, ela é um pouco árdua, e a gente se dispõe em conseguir dinheiro pra arranjar um transporte pra levar o rezador e trazer. Aí foi a maneira que eu consegui de aprender a rezar. Foi aí que a gente foi dar valor e a dedicação para tal. Aí, eu implorei nos pés do Seu Chico, quase uns seis meses, até que ele me trouxe uma copiada, e eu fiz, e desde 2004, eu comecei a rezar, e eu rezo na festa lá de casa em dezembro, rezo da Santíssima Trindade, lá no Santa Rita, eu rezo de Santo Antônio, lá na Campina Grande, e rezo de Jesus Maria José, lá na Campina Grande também, e agora fui convidado pra ir lá pro Mata-Fome pra gente ir pra lá já, rezo no Maruanum pela festa da Conceição, que também é da minha família. Então aí, a gente começou a dar o valor, que a gente sempre tem que aprender uma coisa boa pra ajudar as pessoas que necessita, e hoje eu tenho essa vocação comigo de que sempre tem que ajudar as pessoas, porque todo mundo tem que aprender alguma coisa, a gente nunca pode ficar dependendo de ninguém porque a gente não é imortal, a gente é mortal, e quando pensa, a gente perde aquela pessoa e vai dar valor e vai sentir o tempo que ele perdeu por não aderir mais cedo, se eu tivesse aderido mais cedo, talvez eu fosse um rezador mais cedo, mas ainda eu me sinto feliz por saber e ajudar e contribuir com as pessoas pra desenvolver, porque é uma coisa que tá ficando difícil, porque os nossos rezadores antigos estão partindo, e gente tá sentindo um pouco de dificuldade, mas enquanto a gente puder, tiver força e voz, a gente tá ajudando a comunidade.

AN:- O senhor falou na questão de valorizar, de aprender, e hoje, os jovens, se interessam?

Jl:- Noventa por cento não. Dez por cento, as vezes, ajudam a contribuir. Mas os noventa por cento não dão o mínimo valor, mas amanhã, eles vão começar a sentir, que eles vão começar a aprender, até mesmo porque é uma cultura religiosa que vem dos nossos antepassados e que ela precisa ser preservada porque, a preservação da nossa cultura nós mostra o que o passado trouxe ao presente, e o que o presente tem para o futuro, sem passado não tem presente, sem presente não há futuro.

**Entrevista com o senhor Pedro Paulo Dias de Carvalho, médico, Secretário Estadual de Saúde, Vice-Governador, 50 anos, natural de Macapá-AP. Entrevista realizada em seu consultório, no Hospital São Camilo no dia 16 de março de 2009.**

NOME: PEDRO PAULO DIAS DE CARVALHO  
PROFISSÃO: MÉDICO UROLOGISTA,  
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ,  
SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE.

ALINNE NAUANE: Conte um pouco da sua história. Como o senhor veio do interior, como o senhor foi pra faculdade....

PEDRO PAULO:- Certo, deixa eu te dizer: eu tenho uma família rural. Eu sou descendente de portugueses com índio, a minha mãe era portuguesa, e o meu pai era daqui, da região. Então, eu, por incrível que pareça, eu nasci nessa região chamada Bairro do Perpétuo Socorro, por parteira, eu nasci aqui, e com dez dias, eu retornei pra fazenda, né, e na verdade, nessa época, a grande maioria das pessoas, as mulheres tinham os seus filhos com parteiras, então eu nasci de parto normal, uma família de nove (filhos), eu sou o oitavo, e toda a minha infância foi na fazenda. Com cinco anos de idade, seis anos é que eu vim pra cidade estudar. Mas até seis anos de idade foi na fazenda.

AN:- Desculpe a indiscrição, mas em que ano o senhor nasceu?

PP:- Eu nasci em (19)59.

AN:- O senhor veio, provavelmente, em 65 pra Macapá...

PP:- 65, 66...

AN:- Nesse período, em Macapá, existia muita ausência de médico, e as recorriam muito a parteiras e benzedeiras, e a sua família, recorria à elas naquela época?

PP:- Tinha um tratamento que era muito comum dado, que tinha que levar a criança na benzedeira, pois quando a criança apresentava algum tipo de diarreia, se usava muito o termo de que era quebranto, mau-olhado, então, só aquelas pessoas que tivessem o dom, determinadas senhoras, determinados senhores, eles tinham o dom e sabiam rezar muito bem, e eles faziam tipo uma comunicação entre o ser, aquela pessoa, e a questão da energia, da crença, então era isso que era chamado. E até hoje, se você for observar, ainda existe muito aqui na nossa região a questão das benzedeiras, por incrível que pareça, depois que as crianças eram benzidas, as crianças melhoravam. Acredito que seja mais a questão da fé.

AN: - E é isso que eu quero perguntar: o senhor, enquanto médico, tendo vivido, praticado "essa fé" o que o senhor acha que realmente acontece: é uma questão psicológica. Pois a questão psicológica influencia muito mais, o senhor enquanto médico sabe, boa parte do tratamento é fator psicológico, para que ocorra um resultado positivo. Qual é a sua opinião.

PP - Eu acredito que sejam duas coisas que caminham paralelamente: primeiro que elas usavam também os chás, as plantas medicinais, isso remonta de muitos anos, e isso também funciona, e até hoje se vê que tem algumas plantas medicinais que elas têm uma ação, têm um mecanismo de ação, em determinadas doenças, mas o mais importante de tudo isso, era a questão psicológica, se você for observar o que ocorre hoje nas filas dos hospitais, é que uma grande quantidade de pessoas, elas não estão doentes, elas estão carentes, é diferente, mas entendo, que o papel destes procedimentos, da forma que era feita, tinha uma influência grande dos aspectos psicológicos. Porque se você pegar uma doença, por exemplo, uma intoxicação alimentar, provocada por uma bactéria, se você não tomar remédio, você vai morrer, com certeza, a chance é muito grande de você ter um problema, mas se for um

rotavirus, o que você precisa fazer com essas crianças, é dar água, dar uma alimentação leve, mantê-la hidratada, porque o vírus por si só vai passar, então, muitas dessas doenças, as causadas por vírus, elas têm um período, elas tem um tempo, e por conta desse tempo, é que a gente compreende que a fé, poderia até antecipar esse tempo.

GISELA: - A gente estava fazendo exatamente isso: o confronto do saber popular e do saber científico, e no caso, você teve os dois, viveu no interior uma época, e agora você é médico. Você acha que a sua formação de médico faz com que você deixe de acreditar um pouco nessa questão das benzedeiras? Ou você acha que tem essa importância.

PP: - Tem espaço pra todos, confesso pra você, que eu jamais na qualidade de médico, jamais iria criticar ou até mesmo fazer qualquer tipo de comentário negativo a respeito desses procedimentos, são milenares. Eu vejo que tem espaço pra todos, e todo procedimento que busca a diminuição de um sofrimento, a diminuição de uma busca-las nós temos que esgotar todas essas possibilidades. A questão, por exemplo, do parto normal, eu confesso pra você que, hoje, com os conhecimentos médicos que eu tenho, eu compreendo que as parteiras elas têm o seu papel no sentido de orientação, do aspecto psicológico das parturientes, porque numa gestação, a questão psicológica influencia muito. Você vê que tem mulheres grávidas que não sentem absolutamente nada, e tem outras mulheres que a gravidez passa a ser uma doença, mas se você vai observar, essas mulheres que tem as suas gestações tipo doença, são pacientes que têm uma fragilidade emocional muito grande, então isso influencia. Se você tiver uma parteira, para ir acompanhando, orientando, passando a sua experiência pra essa jovem que vai ter o seu bebê, eu não tenho nenhuma dúvida que vai dar um resultado extremamente positivo. Agora, eu não sou muito favorável, que no mundo de hoje, com toda a tecnologia que nós temos, com todo o conhecimento que nós temos, a gente colocar uma moça de dezessete anos do interior pra fazer um parto com uma parteira. Eu acho que a parteira ela tem o seu papel nesse processo de condução da gestação, acompanhando, explicando, passando a sua experiência, agora a realização do parto em si, eu pelo menos sou fruto de

alguém que teve parto normal, assistido por uma parteira tradicional, mas hoje, os meus filhos, eu gostaria que eles fossem trazidos ao mundo por uma parteira? Claro que não. Eu quero que seja feito por um médico que estudou, amparado por toda uma tecnologia. O que é que nós temos feito hoje, a Secretaria Estadual de Saúde tem feito? Nós temos proporcionado cursos, pra que essas parteiras possam conduzir esse trabalho que eu estou te dizendo de acompanhamento, de fiscalização, você tem que fazer o pré-natal, porque o pré-natal é fundamental. Se você tiver uma gravidez, o pré-natal, o acompanhamento da gravidez é fundamental que seja feito pelo médico, e não por uma parteira. Então, veja bem, nós temos na nossa região uma dificuldade muito grande com profissionais médicos, a dificuldade é enorme, e eu vejo que ainda nos interiores, ainda existe um número grande de partos provocados pelas parteiras. feito pelas parteiras. O próprio Governo do Estado paga bolsa para as parteiras Tem um programa, então ai, você me diz: você é contra o programa? Não, não sou contra o programa, eu só acho que, o que que eu estou fazendo, eu to fazendo de tudo pra que essas parteiras só sejam utilizadas nos casos extremamente emergenciais...

AN:- Afinal de contas, o Estado tem o seu papel...

PP:- Tem o seu papel. Agora, eu quero que as mulheres do Estado do Amapá tenham os seus filhos com médicos, dentro de unidades hospitalares que tenham as condições necessárias....

AN- Ou seja, o senhor vê a atuação das parteiras como sendo (provocada) pela ausência do Estado. Não havendo o Estado, elas seriam as mais habilitadas para proceder os partos...

PP:- O que eu vejo, é o seguinte, o nosso país, nós estamos ainda num país emergente, subdesenvolvido, e que o número de profissionais médicos não consegue atingir todas as regiões e nós temos que fazer com que essas pessoas, as parteiras tradicionais, elas tenham um mínimo de conhecimento pra que possam, pelo menos, numa situação emergencial, o que eu não aconselho, eu acho que as mulheres devem ter seus filhos em casas

hospitalares apropriadas, porque eu não consigo, mais nesse mundo atual, compreender que as pessoas tenham os seus filhos lá nos interiores sem as mínimas condições. Antigamente, eu tô dizendo a você, os meus irmãos nasceram de parto normal, lá no interior, só com a ajuda de Deus e dessas parteiras tradicionais, mas hoje não é concebível mais isso.

**Entrevista com a Sr Deolene Moura Monteiro, acadêmica de Fisioterapia, 33 anos, natural de Macapá-AP, residente no Novo Buritizal. Entrevista realizada no dia 27 de dezembro de 2008, em sua residência.**

1) Como era a disponibilidade de médicos e hospitais em Macapá no final da década de 1980?

Resp.: Não me lembro bem, porque eu era pequena na época, mas acho que não era muito boa, porque, por exemplo, já tinha posto de saúde, mas era difícil encontrar médicos

2) Como você via as práticas das benzedeadas/parteiras no final da década de 1980?

Resp.: Bem, como já disse, eu era pequena, mas me lembro que a mamãe me levava para uma senhora que fazia umas orações na minha cabeça e que às vezes fazia massagem no meu pé com um tipo de pasta. Quando eu saía de lá já me sentia bem melhor. A mamãe dizia que ela espantava os maus espíritos. Eu acreditava.

3) Qual a influência que o processo de urbanização da cidade de Macapá trouxe para sua crença na autoridade e no trabalho das benzedeadas/parteiras?

Resp.: Tipo, a cidade cresceu muito. Isso é notória! Sem falar que tem muita gente de fora que traz outras coisa, sei lá, outras experiências talvez, e a gente acaba se levando por essas mudanças. Assim, tipo, eu continuo acreditando, não, eu acredito, meio que, elas fazem hoje o que faziam há dez anos atrás, mas nem todo mundo continua com a mesma fé, entende? Antes elas eram mais procuradas, mas hoje não.

4) Você ainda busca com frequência a ajuda física ou espiritual de benzedeadas?

Resp.: Não com muita frequência. Particularmente, eu não suporto médico, mas devo admitir que vou mais neles no que em uma benzedeira. Mas ainda vou nelas sim. Muito de vez em quando eu vou lá na Dona Castorina pra ela puxar uma rasgadura que eu tenho na costa. Me dá um ódio quando o médico me diz que é apenas uma distensão leve, se ele soubesse a dor que eu sinto quando isso dá.

5) Em sua opinião benzedeiros/parteiras ainda exercem autoridade dentro de sua comunidade?

Resp.: Acho que sim. Assim, isso era mais forte antigamente, porque todo mundo procurava as benzedeiros pra resolver os problemas das pessoas e tals, fosse problema de saúde ou de qualquer outra coisa, e por isso as pessoas acabavam por levar muito em consideração o que elas lhe diziam.

6) Na sua opinião esta autoridade vai desaparecer um dia?

Resp.: Talvez. Esse mundo muda o tempo todo, e coisas que eram muito comuns antigamente, já são raridades hoje em dia, e algumas delas já nem existem. Hoje o mundo está de cabeça, não há mais respeito por nada, e antigos valores já não são mais praticados. De verdade, infelizmente, acho que um dia vá desaparecer sim.

**Entrevista com a senhora Maria Couto Salomão, benzedeira, católica praticante, 76 anos, natural de Chaves-PA, residente no bairro Canal do Jandia. Entrevista realizada no dia 14 de março de 2009, em sua residência.**

ALINNE NAUANE: Tá, D. Maria, a senhora veio pra cá há dezoito anos. E a senhora sempre benzeu?

DONA MARIA: Sempre benzi. Benzo criança, puxo barriga de mulher, só não assisto mais porque a vista não dá mais, puxo barriga, benzo quebranto, espanto

AN:- Em que momento a senhora descobriu o seu dom de benzer? E desde quando a senhora benze?

DM:- Eu comecei a benzer depois que eu tive a minha primeira filha, e aí a minha sogra começou a me ensinar, pois quem me ensinou foi a minha sogra; de parto foi a minha mãe e de parto foi a minha sogra.

AN:- E a sua mãe não benzia? Ela só fazia parto?

DM:- Não, benzia. Ela benzia, ela puxava a mulher, puxava a barriga da mulher. A minha mãe era parteira, e a minha sogra não, ela só era de benzer negócio de rasgadura, quebranto, espanto, tudo ela benzia.

AN:- Deixa eu lhe dizer uma coisa: a senhora veio pra cá há dezoito anos, mais ou menos em 1991, logo depois da criação do Estado (do Amapá). E naquela época, a senhora era muito procurada?

DM- Não muito, porque naquela época ninguém sabia que eu era benzedeira. Era algumas pessoas que vinham aqui em casa. Tinha uma senhora que morava lá perto de casa, eu morava ali no Zé Duarte, então lá que a minha mãe e meu pai moravam, depois que eles morreram eles venderam tudo, quer dizer a minha irmã, que vendeu, que se dependesse de mim, eu ainda tava lá, eu sinto saudade de lá, mas a minha irmã quis vender, eu foi obrigada a vender, e aí eu comprei essa casa aqui, e isso faz sete anos.

AN:- Mas a senhora é muito procurada hoje? DM- Sou, graças a Deus, ganho bem meu dinheirinho com esse negócio de benção.

AN-E as pessoas the pagam direitinho? DM- Tem muitos que pagam, tem muitos que não, porque eu não cobro de ninguém. A pessoa dá se quiser, se não quiser não dá. Eu só peço a Deus que aquela minha oração faça efeito, aquela benção de criança, de mulher barriguda É, mas eu não cobro, eu nunca cobrei de ninguém.

AN:-E tem alguma filha sua que benze?

DM-Não, ninguém se interessa. Um filho, um filho eu tenho, que ele benze, mas ele mora lá pro Afuá.

AN - Ele mora pro Afuá! E ele é muito procurado lá?

DM - É procurado, mas não é tanto assim. AN-A senhora prefere ir ao médico ou em uma outra benzedeira?

DM - Olha, é difícil eu ir no médico, mas também é muito difícil eu ir noutra benzedeira Olha, eu puxo, mas é difícil eu mandar me puxar. Sou boa de saúde, graças a Deus.

AN - E a senhora é católica?

DM:- Sou, eu sou do Apostolado de Nossa Senhora da Aparecida, mas eu frequento também aqui a Nossa Mãe dos Pobres. Qualquer Igreja que seja, eu gosto de ir, né Onde está Deus, eu vou. Mesmo as dos crentes, (quer dizer) crentes somos nós. eles são protestantes. Eles creem em Deus e nós também, porque Deus é só um, eles adoram a Deus, e nós também, né?

GILCIANE- Dona Maria, as pessoas que vem aqui pra se benzer, pra se puxar, elas são aqui do bairro mesmo, ou elas vem de outros lugares?

DM:- Olha, tem gente que vem de Fazendinha, Jardim, Muca, Zerão.

G-A senhora já é conhecida?

DM:-É, graças a Deus. Tem vez que passa ai, todos os meus netos, os amigos dos meus netos só me chamam de Mãe Velha Tem gente que passa aí, e as vezes eu não sei nem quem é, a vista já tá curta E as vezes chega aqui e pergunta "a senhora não se alembra de mim? Um dia desse eu tive aqui. Mas não, eu nem me alembro mais. Porque vem muita gente, né?

G-Quais são os problemas mais frequentes das pessoas que vem aqui?

DM-Ah, esse negócio de barriga, puxar barriga, quebranto e rasgadura. Teve uma senhora que veio aqui que era pra mim fazer um... "a senhora que é Maroca", "Sou", só me tratam Maroca, mas o meu nome é Maria, "Eu vim aqui pra senhora fazer umas garrafadas!". "A minha mana, esse negócio de garrafa eu não sei!". Eu não entendo de fazer esse negócio de garrafada, sabe?

**Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Tereza Rosa dos Santos, 103 anos, benzedeira, residente no bairro do Laguinho, natural de Macapá-AP. Entrevista realizada no dia 17 de março de 2009, em sua residência.**

DONA TEREZA- (Dr. Lobato no tempo do Janary)... quando ela botou ai um cinema, e ele saiu fazendo parto, aí o Janary mandou ele embora, mandaram ele pro exército.

Sr. Cosme: - Só por que ele tava fazendo bem, né?

DT:- Ele tava fazendo era mal, que era a mãe ele que fazia era tudo. Uma mulher (...) que tem muita responsabilidade.

SC-E, graças a Deus, que com a senhora os partos tudo deram certo?

DT- Tudo deram certo. Tinha uma prima minha, morreu um tempo desse, tinha uma filha, primeira filha, aí eu ainda disse, olha cumadre, você podia esperar ver outra, ela disse não, eu não tenho a minha mana, a mana dela já tinha morrido, e eu quero a senhora, ai eu morava certo, ai quando deu a dor o irmão dela veio me buscar, e eu vambora, e fiz as minhas obrigações, e ela descansou: uma menina, morreu moça. Depois teve outra, que agora ela tá casada com um camarada al do Amapá.

SC-Graças a Deus deu certo...

DT-Essa de Eulália, quem aparou ela fui eu..

SC-A de Eulália, a esposa do Caboclinho?

DT- A mãe dela tava lá pras bandas da minha casa, no Caju, o velho Paciência morava lá, e aí, eu ia pra Casa Grande, pra casa da minha tia, aí a chuva nos pegou là. Ai eu disse, cadê o Paciência, aí ela disse, ai pro bar com o Chico Bé (...)

SC.- Quem é o protetor dos partos? É São Raimundo, né, que é comemorado dia 31 de agosto?

DT:- É...aí não demorou e ele chegou, a chuva chuvendo, chuvendo, mulher tem paciência, nós não vamos na chuva, chuvendo, ai ela disse, Ah, Tereza, eu to me achando ruim, mas logo eu você me esperou, mas eu disse pro Seu Paciência nos não vamos, porque a sua mulher tá se achando ruim, mas depois ela descansou, a velha Eulália.

SC:- Hoje não, tá bem melhor, ou então, nem melhor, só melhorou um pouquinho. Me diga uma coisa, automaticamente, quando as pessoas faziam o parto, ela benziam também?

DT:- Natural, toda parteira era natural que também benzia, a gente orava pra São Raimundo.

SC-A senhora ainda se lembra da oração de São Raimundo?

DT:- Pouco.

SC-A senhora chegou a rezar e a benzer também?

DT-É. Benzer, eu ainda benzo quebranto, ixi.

SC-A senhora cansou de ir na minha casa, benzer mamãe, benzer todos nós, na verdade.

DT:- É...eu benzia era muita criança, e benzo. Tem vindo até dai dos Congós. Teve gente que mora al nos Congós. Ai vai passando de uma pra outra (os conhecimentos).

SC-As suas filhas pegaram esse mesmo dom seu?

DT:- Só essa neta.

(...)

SC- Além da Senhora, e além da Luzia, quais as outras pessoas que benziam aqui no Laguinho?

DT- Ih, muitas pessoas: Maria Joana, Dona Cuada, Raimunda Borges, Velha

Severa, Velha Justina, isso tudo eu conheci. SC:- Mas, quem era parteira, quem gostava de parto?

DT:- Não, elas não eram parteiras. Só a velha Luzia. SC: Esse Claudio Lino, é do pessoal do Lino.

DT: - É, do Raimundo Lino, a Cumadre Libentina, que era filha da velha Luzia, a Agda, filha da velha Luzia, tinha o cumpadre Raimundo, tinha o Chipim (...)

SC: - E o seu dom de benzer, o dom de benzer tá no sangue?

DT: - Meu pai benzia (...) E a oração do Pai Nosso, foi a primeira reza que Nosso Senhor Jesus Cristo deixou no mundo, foi o Pai Nosso. Quando cura quebranto, a primeira coisa que gente vai fazer é rezar é o Pai Nosso.

(...)

SC: - E quando é assim, que vocês sentem que a criança tá com quebranto?

DT: - A gente vê, quando a criança fica mufina, a criança fica por ali, as vezes dá uma “disteria” na criança, e ela vem de lá benzer. Outra coisa, quando é a lua, a criança não vem, é verde o coco da criança, ai tem o remédio, tem a flor do mamoeiro macho (...) faz o chá, dá que fica bom.

**Entrevista com a Sra. Kelly Patricia Souza da Silva, 24 anos, publicitaria, natural de Macapá-AP, residente no bairro Jesus de Nazaré. Entrevista realizada no dia 19 de dezembro de 2008, em sua residência.**

1) Como era a disponibilidade de médicos e hospitais em Macapá no final da década de 1980?

Resp.: Eu não lembro, tinha apenas seis anos de idade, mas acho que era precário.

2) Como você via as praticas das benzedeadas/parteiras no final da década de 1980?

Resp.: Acredito na pratica delas. Eu acho um beneficio para a população. Muitas vezes as pessoas vão no medico e eles não resolvem e as benzedeadas não resolvem. É um pratica benéfica para a população.

3) Qual a influência que o processo de urbanização da cidade de Macapá trouxe para sua crença na autoridade e no trabalho das benzedeadas/parteiras?

Resp.: Apesar das mudanças, continuo acreditando. Esses processos não influenciaram no que eu penso e no que eu acredito.

4) Você ainda busca com frequência a ajuda física ou espiritual de benzedeadas?

Resp.: Não muito, mas já fui algumas vezes. Durante a minha gravidez foi uma benzedeadas, pois estava com infecção no útero, e ela me passou uma garrafada. Resolveu o problema.

5) Em sua opinião benzedeadas/parteiras ainda exercem autoridade dentro de sua comunidade?

Resp.: Sim, por conta do seu conhecimento.

6) Na sua opinião esta autoridade vai desaparecer um dia?

Resp.: Acredito que não.

**Entrevista com a Sra. Maria Castorina Adarsse da Silva (conhecida como Dona Catorina), benzeneira, católica praticante s, 73 anos, natural de Macapá no Bairro Jesus de Nazaré, Macapá-AP. Entrevistada no dia 27 de novembro de 2008.**

DC: - Antão eu chego, você chega na sua casa, você tem seus filhos, porque nem todo mundo acredita. É uma coisa que não dá importância, você ta entendendo. Antão você chega, eu chego na sua casa, bato palma e entro. Vem cá neném, vamos sair. Deixa o seu filho ir ali comigo, eu vou com a senhora. Então a senhora deixa o seu filho ir ali comigo e a senhora pode ir, eu levo o seu filho. Sabe por qué? Porque é mãe. Eles não acreditam, eles choram, e solta e deixa porque eles não podem fazer. Não é eu chego na sai casa, você chega na minha casa, eu vou entrando, não. Você primeiramente tem que render obediência, para quem? Para mim que sou a dona da casa, NE? Dá licença Dona Castorina que eu quero entrar (...) então eles crêem muito no meu trabalho porque eu trabalho muito com santo. Eu tenho fé em Jesus. Eu tenho meu trabalho, mas antes eu me sento aqui e logo peço licença para o meu Pai, proteja o meu trabalho, me ajuda, me dá força, pra que eu consiga recuperar essa pessoa, porque vem gente deitado de cama, quando levanta, Graças a Deus, já é com os seus pés. Eu tenho muita fé em Deus. E o povo faz as coisas pela cabeça.

Gisela:- Tem relatos que médicos não conseguem dar jeito?

DC:- Eu tenho essa idade e não vou em médico. Sabe por qué? Por garanto aqui, que aqui dá muita gente, aquí dá juiz, dá adevogado, sabe, tudo eles caem aqui. sabe por qué? Porque eu benzo, eu faço banho, meus banhos são de ervas, eu não gosto de macumba. As vezes você ta com problema, você tem o seu trabalho, você tem o seu carrão e você bota ali você não leva o seu carro na porta de uma igreja para jogar água benta por cima, o padre pegar uma mentira, ou seja, lá o que for né? Você ta enganado, porque esse aqui, é o maior feitiço do mundo: são os nossos olhos. Você bota o seu carro là tá aqui o meu carro, veste o paletó. Não faça isso, se cuide. Porque o mal olhado derruba tudo, ele acaba. E você vai lá, deixa o padre benzer e o padre vai benzer o seu carrinho, aquilo ali você ta na Paz do Senhor. Você tá livre de

uma inveja, tá livre de um mal olhado, porque existe meu filho. Eu tenho visto pessoas. Rico bate aqui sem nada. Por que? Primeiro, é o orgulho, querer ser mais que os outros, o que nós não podemos. Nós somos iguais. Agora você tem um pouquinho, ela tem outro pouquinho, outro tem outro, o sangue é só um, a cor muda: tem outros que são negros, eu sou uma, não é todo branco que pisa onde eu piso. Existe uma pessoa feliz (...) tem muita gente educada, sabido, formado que não faz o que eu faço, porque primeiramente pra eu entrar num ambiente, tenho que ver como outro entra pra mim poder entrar. Vocês sabem por que? Porque eu não sei. Eu fico na minha. Vejo como a gente vai entrar ali, pra não fazer vergonha e nem passar vergonha. Gilciane:- Há quantos anos a Senhora é benzedeira?

DC:-Desde os oito anos de idade

Gilciane-A sua mãe era benzedeira?

DC:- Não, senhora. Isso foi um dor que Deus me deu.

Gilciane: A Senhora trabalha muito?

DC:- Teve um dia que eu enjoei do trabalho. Eu trabalho muito, eu trabalho demais. Eu trabalho muito com criança.

Gisela:- A Sra. tem alguma benção pra quem tem dificuldade de dormir a noite?

DC:-O que você tem?

Gisela:- Desde cedo, eu nunca durmo a noite, Ai eu durmo de dia e passo a noite inteira acordada

DC:-Por que o motivo?

Gisela:- Não sei.

DC:-A Sra. tem insônia?

Gisela:- Sim, eu não consigo dormir a noite, eu já tomei remédio pra dormir. Tipo, faz efeito, mas depois volta.

DC:- Você pensa muito também? Pensa? É isso que lhe faz insônia (...) Problema de pensamento. Vou the explicar o que é o pensamento. Daqui amanhã você tá velho, perturbado, porque você não dorme. O sagrado não é dormir de dia, é você dormir de noite. Você relaxa, você descansa um pouco. E deite e reze. Você reza assim, três pai-nossos e oferece para Nossa Senhora do Desterro, deterrar isso da sua cabeça. A sra. vai deitar e a sra. vai dormir (...) a noite, ainda mais vocês que trabalham com isso, a noite é a mais importante para vocês. Você vai descansar. Mas se a senhora quiser, a sra, vem sexta-

feira, duas da tarde, eu vou lhe dar um passe e vou lhe passar um banho, a sra. vai ver. Mas é importante você faz isso. Não deite a noite pensando: -Ai, Meu Deus, faça isso, faça aquilo. Minha filha, Deus dá um jeito em tudo. Não é preciso você pensar. Você vai se formar, né? Ai, eu vou me formar. Não. Pega na mão do Senhor, basta rezar. O, Meu Deus, eu entrego a Vós, eu tô precisando desse curso, e eu quero me formar. E Ele vai lhe dar forças Ficar se apegando em remédio, depois pega uma depressão. Olha, eu cuido de uma moça novinha, ela anda patetando. O estudo, o estudo perturba muita gente. É igual o trabalho, quando chega a noite ocupa a mente. Você devia fazer isso, devia acabar com essa insônia. Você termina logo com ele. (...) Quando eu me deito, eu penso coisa boa. O Meu Deus, amanhã, se Deus quiser, vou amanhecer bem, mas pensar assim (pensamento negativo) não é bom não. Tô lhe falando que não é mesmo. sou valente, com 79 anos, eu capino, eu planto, adoro limpar a casa (...) Eu tenho um hábito, eu acabo de almoçar, de jantar, eu tenho que agradecer a Deus. Não por mim, mas por todos os que tiveram alimento. Muito obrigado pelo almoço que me deste. Isso é muito importante. Você não agradece só porque tá com a barriga cheia, você distribuiu. A minha salvação, eu sou uma pessoa muito católica, eu tenho cabeça, entendeu? Vocês sabem isso de livro, o livro tá aqui, eu não sei ler, eu não sei decorar, mas tem um espirito que me dá um parafuso na cabeça.

Gisela:-Obrigada.

DC: - De nada, precisando, eu to aqui. Eu tenho muita fé em Deus. Você tem que crer. Eu vou pra igreja todo dia. Eu tenho que conversar com todos os meus santinhos que estão aqui. Veio uma sra. aqui cheia de problema. Eu sou uma pessoa que a pessoa chegou ali, eu já sei o que tá acontecendo.

**Entrevista com o Sr. Francisco Ferreira Ramos, 53 anos, agricultor, Rezador de Ladainha, residente na comunidade de Lagoa de Fora, Macapá-AP. Entrevista realizada em 22 de março de 2009, na Rádio Difusora de Macapá.**

ALINNE NAUANE Bom, Seu Chico, o senhor tem um trabalho pioneiro, que é fazer o registro das ladainhas e de todas as festividades referentes a elas. Desde quando o senhor tem essa consciência, desde quando o senhor tem esse trabalho?

SEU CHICO: Bom, esse trabalho de reza de ladainha, eu aprendi a rezar, eu tinha dezoito anos. Com dezoito anos eu aprendi a rezar ladainha porque eu ia nas festas de tradição, e eu vi um senhor que é o pioneiro de rezar ladainha aqui no estado, foi que ensinou, aí eu peguei, eu tinha o interesse em aprender, né? Eu pedi pra ele copiar pra mim, aí ele copiou, com aquela letra dele, que ele não sabia bem ler direito, né? Ele copiou, e eu foi indo, né? Pegando o ritmo e aí eu aprendi. É que, de dezoito anos pra cinquenta e três da... tem uns quantos anos...

AN:- Tem um monte, que eu também não sei fazer essa conta Mas, assim, o senhor faz o registro das Ladainhas. Desde quando o senhor faz esse tipo de registro? E por que o senhor começou a fazer esse tipo de registro?

SC-Eu comecei a fazer porque eu achava bonito, e ainda acho bonito uma ladainha quando rezada em latim, e também pela necessidade, né? Que as comunidades tavam precisando de mais rezadores e agora também tão precisando, porque ta faltando, foi essa a necessidade de eu aprender a rezar ladainha, que eu achava bonito os outros rezar, e eu também queria rezar ladainha

AN- E o senhor acha que, assim, a partir desse seu trabalho tem mais gente interessada em rezar ladainha?

SC:- Olha, agora, foi por isso que eu fiz a gravação desse DVD pra ver se chama a atenção do pessoal, dos mais novo, né, pra dá um incentivo pra ver se ele aprende a rezar ladainha. A nossa ladainha, pelo que eu to vendo, com mais aqui uns anos, ela vai acabar, aqui no estado, porque não tem gente novo querendo aprender a rezar ladainha

AN: - Na verdade o nosso trabalho é mais voltado mais pras benzedeadas, o que engloba a questão das ladainhas. Em relação os benzedores?

SC- Bem, em relação aos benzedores, eu conheço uns aqui no estado aí que benzem, também já são antigos. Eu conheço o estado quase todo, e eu não conheço nenhum novo que saiba benzer, é só mais os antigos que tem, porque o desinteresse dos novo, meio pouco pra aprender.

AN:- Os jovens não se interessam de qualquer forma...

SC:- Não, os novos não tão interessado, porque eu moro no interior, né, lá na Comunidade de Lagoa de Fora, eu ando muito, e não vejo nenhuma pessoa nova ter um interesse de aprender em benzer, ou em puxar um dedo desmentido, porque os velhos antigamente, eles consertavam ate quebrado. Cheguei a conhecer um lá em Campina Grande que se o camarada chegasse com o osso quebrado lá, ele ia rezando, ele ia puxando, dizia que ele ia colocando os ossos no lugar, e depois ele colocava aquele, a gente chamava de pari, né? Rachava os burutis assim, né, fazia as tiras, e botava uma cordinha por dentro e colocava assim e aquele buruti atracava assim, nas pernas, nos braços, e amarrava, fazia aquele sumo de esponjeira, que a gente chama, o sumo de mastruz, (...) aí com o azeite de andiroba, fazia tudo, fazia aquele emplastro, al colocava, fazia o pari, que aquilo ali la ajudar a cicatrizar a quebradura

AN-E as rasgaduras da vida?

SC:- As rasgaduras já é outra coisa, já é com outro tipo de reza, que aí já vai costurando. Esse cidadão que tinha lá no Currálinho, ele pegava um pedaço de pano já com uma agulha que ele tinha preparado lá na casa dele, aí ele pegava, mandava ferver uma água, aí ele pegava um prato, aí colocava aquela água quente dentro de um prato, e virava o copo de boca pra baixo, aí ele colocava atrás, se fosse na costa, ele colocava no lado, aí ele ia rezando, e la só

costurando, ia rezando, ia costurando, aquilo ali a gente sentia, que aquela rasgadura que a gente tinha, ela ia assim puxando, puxando assim pra cicatrizar, com a reza que ele ia rezando, e ia costurando, tudo era o poder da reza dele. Com o poder de Deus a gente consegue as coisas.

AN- Hoje, aos seus 53 anos, o senhor acha mais eficaz, um médico ou um benzedor?

SC:- Olha, dependendo do trabalho que o médico faça. Porque eu tenho visto gente aqui, gente conhecido mesmo meu, que teve um quebradura, que chegou no hospital e o médico não operou direito pra colocar os ossos no lugar e engessou daquele mesmo jeito, e o cidadão fica com o que seja, com o braço ou com a perna torta porque não fica no lugar. Agora, recentemente, teve um cidadão lá do Maruanum que ele pegou, um conhecido meu, ele pegou um tiro na perna, e ai quebrou os ossos da perna, os médicos aqui não fizeram o serviço direito, al ele hoje tá com a perna quebrada, ele foi lá com o Dr. Luis Alberto, e ele disse que pra ele colocar uma parte já no lugar, ele tem que quebrar de novo, mas só que aí ele já vai sentir muita dor, né? Eu, se fosse eu, preferia ficar do jeito que tá, porque aí já vai ter que quebrar de novo, ai ia ser muita dor. Então, na época que os benzedor, os puxador, faziam aquele trabalho, em certos trabalhos que os médicos faz, o trabalho deles era melhor, porque eles colocavam no lugar, assim, eu tenho um primo meu que quebrou o braço, aí esse velho lá de Campina Grande é que fez o trabalho dele, você vê, você olha direitinho, você nem nota que quebrado, porque ele colocou direitinho os ossos no lugar, e ele fez o parí, que a gente chamava de pari, ai amarrou direitinho, e aí também ia do camarada fazer o tratamento direitinho, pegar, tirando coisa pra tirar do lugar, bastava ele ficar quieto ali que, pelo aqueles dias, meses que é pra cicatrizar direitinho. Ai ficava direitinho. Não tinha problema nenhum.

AN:- Era bom então, né?

SC:- Era, aquele tempo antigamente, só que já morreu. Mas tinha benzedor, tinha puxador de quebrado, desmentido, ai. Eu là cansei de ir là, que eu gostava de jogar uma bola, né. Ali acolá tirava um dedo do lugar, que a gente jogava descalço que a gente não tinha chuteira naquele tempo, ali acolá eu tirava um dedo do lugar e corria lá com ele, chegava lá, só fazia pegar um

azeite de andiroba e passava, dava um puxão, e torcia e ia pro lugar (o dedo), não era preciso servir pra hospital

AN:- A gente tava conversando ainda a pouco sobre a questão do apoio do Governo (do Estado do Amapá), em relação ao seu trabalho de registro, em relação a gravação dos seus DVDs. O senhor acha que o Govemo não está se interessando pelo seu trabalho?

SC:- Olha, eu acho que a Secretaria de Cultura não tão se interessando porque eu fiz o seguinte, quando eu fiz a gravação do meu primeiro DVD, eu não fui lá, eu fiz eu mesmo, aí só que quando foi pra fazer o lançamento do DVD, o primeiro eu fiz lá na sede do Ciriaco, lá no Coração, aí eu peguei os documentos, eu tenho até hoje as cópias, aí eu levei na Secretaria de Cultura do Município, levei na Confraria Tucuju, dei pra uns bocados de deputados, e eu tenho tudinho as cópias guardadas, al quando chegou no dia do lançamento lá, não apareceu ninguém, só apareceu o pessoal da Difusora lá, que me deram o apoio na divulgação, tudinho, al não apareceu ninguém. Então, pra mim, num caso desse, a gente convida e o cidadão não vai, então ele não tem interesse. Agora, eu fiz o segundo DVD que eu gravei lá em casa, na festa de São José, né? De novo, ano passado, no mês de outubro, no dia 29 eu fiz o lançamento, lá de novo. Uma média pesada, desde de carro som eu coloquei na rua aí, aí pra fazer lançamento, tornei a levar documento nas secretarias do município, tenho esse documento guardado e eu entreguei lá, levei na Confraria Tucujus de novo, que é interessado, levei na UNA, que se diz que é a representante das comunidades afro-descendentes, levei pra eles lá, e não apareceu ninguém, então, eles pra mim, não era pra eles irem gastar nada lá, eu só queria a presença deles lá, pra saber que eles iam me prestigiar lá no lançamento do meu DVD, fiz uma festa grande lá, entendeu, chegou na hora, e não apareceu ninguém de novo, então pra mim, não tão interessado nesse caso de ladainha.

GISELA:- A gente sabe que no interior as pessoas tem um contato maior, você acha que a modernidade influenciou para as pessoas não procurarem tanto a ladainha?

SC:- Olha, eu acho que foi, porque hoje em dia um bocado dos jovens, eles não querem saber de reza, o certo é esse, porque eu rezo ladainha nessas

comunidades, eu conheço essas comunidades do interior tudinho, conheço agora pras ilhas, depois que eu fiz esse DVD, aí o pessoal das ilhas me conheceram, eu já to conhecendo esses rios das ilhas quase tudo, através da ladainha, eles me convidam e eu vou rezar ladainha. Então, quando chega na hora da ladainha, tem a festa lá, chega na hora da ladainha, a gente sente que aquele pessoal, aqueles mais jovens se afastam de lá, se for numa capela que for meia longe da sede de onde tem a festa, aí eles se afastam de lá, e não vão lá pra ladainha, pra rezar, pra ajudar a rezar a ladainha, então eu acho que eles não tem interesse.

G:- As pessoas que procuram são os mais velhos...

SC:- São os mais idosos. Vocês vão ver aí nesse meu DVD que eu passei aí pra vocês, em todos os dois aí, vai dá pra vocês verem o que eu tô falando aqui, por isso que eu fiz a gravação de DVD, porque, eu tenho CD também, eu fiz a gravação de DVD, porque no DVD não tem como dizer que a gente tá contando mentira, a imagem tá mostrando lá, ai vocês vão ver, que no DVD, aquelas pessoas que tão lá dentro lá, tem uns mais novinhos, mas os que estão mais lá dentro era gente idosa, e tinha mais de duas mil pessoas lá nessa festa que eu fiz, nessa gravação, mas em quantidade de gente que foi lá pra dentro da capela, foi só aquele pessoal mais idoso, vocês vão ter a oportunidade de ver ai no DVD.

G-A cultura resiste nos lugares mais afastados e com as pessoas mais velhas.... SC:- Os mais velhos, eu esse ano, agora que passou, eu graças a Deus, rezei cinquenta ladainhas, de janeiro a 31 de dezembro (2008), foi a última ladainha que eu rezei, foi na comunidade de Campina Grande, o pessoal faz uma festa de tradição là "Jesus, Maria, José", de 31 pra 1º, foi cinquenta ladainhas, foi registrado aqui na minha agenda todas a ladainhas por onde eu fui, todas as comunidades pra onde eu fui.

AN- O senhor é chique, o senhor tem agenda...

SC:- A minha agenda tá aqui, eu tenho todas as comunidades, o nome dos santos que eu rezei, ai, olha, tá tudo aqui, eu vou mostrar pra vocês, pra vocês não dizerem que eu tô... Eu tenho minha agenda aqui, tudo agendado. Olha, ladainha, olha tudo aqui (...) A do ano passado, de 2008, enumerei, tá tudo numerado, os rios por onde eu tive, as comunidades, os santos que eu louvei, (Rio) Vila Nova, já tive até no Rio Caldeirão, tive no Rio Bacabal, Ilha Rasa, tive

no Rio Arrozal, os mais longe, né, Salvadorzinho, tá tudo aqui na minha agenda, as ladainhas que eu rezei ano passado, junto com o pessoal das comunidades. Já tenho agendado uma pro dia de São José, lá no Porto do Céu, no dia 20 e 21 de março no São José do Rio Matapi, Porto do Céu, essas já são desse ano que já estão agendadas, fora as outras que já estão agendadas, coincidência, tudo junto, aí não tem como eu ir em dois lugares. Sendo aqui perto, não, eu já rezei até três ladainhas numa noite, aí eu combino o horário (...) aí, sendo longe, aí não tem como. Aí tem comunidade que fica sem rezar ladainha, porque tá faltando rezador.

G-A sua iniciativa é própria, de gravar o DVD...

SC- É própria, eu não tenho o apoio de ninguém, o único apoio que eu tive nessa gravação, foi a rádio difusora que me dá o apoio na mídia, e eles não me cobram nada, eles vão, fazem a gravação, eu tenho tudinho os CDs gravados das chamadas que eles gravam aqui, aí eu peço pra eles gravarem pra mim, aí eu tenho tudo gravado.

AN:- O senhor mora lá na Lagoa (dos índios)?

SC-(Não). Eu moro lá na Lagoa de Fora, Km9, 53 anos eu moro lá.

AN:- E o que a sua comunidade acha do seu trabalho de fazer essas gravações desses DVDs?

SC-Ah, eles acham muito bom, porque aí, eu já passei, porque os primeiros DVDs são meus, ninguém tem mais, foi eu que gravei o primeiro e gravei o segundo de ladainha, né? Eles acham muito bom, já passei mais de sessenta DVDs pro pessoal aí das comunidades, pra ver se dá um incentivo, aí eles vêm e acham aquilo bonito, lá. Porque uma ladainha é bonita, vocês vão ter a oportunidade de assistir aí, uma ladainha rezada, com o povo, do jeito que tá aí, acompanhando, ela é muito bonita. Eu acho bonito.

AN-Eu também.

G:- Você acha que as pessoas procuram, assim, a ladainha, por uma necessidade de ter um representante, como se fosse um padre, alguém que, as pessoas procuram com que finalidade a ladainha?

SC- Não, porque a finalidade das ladainhas nas festas de tradição, é a parte mais importante da festa, porque se eles fazem essas festas que pros santos, então tem que ter a ladainha, que é a festa de tradição, essas uma que a gente

vai é festa de tradição, que é de muitos anos, dos antigos, que já passou de pai pra filho, aí vem passando de um pro outro. Esse agora, que são os mais velhos, estão puxando essa tradição. Essa minha lá, essa nossa festa tava parada faz uns oito anos, né? Porque o meu pai morreu, depois a minha mãe morreu, aí eu fiquei meio parado, aí quando foi ano passado, eu resolvi resgatar ela de novo, depois de oito anos, e graças a Deus, a festa tá sendo um sucesso lá, porque a gente procura fazer uma coisa bem feita, chama o povo pra lá e não deixar a tradição se acabar, porque a tradição mesmo, a tradição não pode se acabar. A gente tem que, alguém tem que incentivar, que é pra ir, de repente vem alguém de fora e pergunta, "o que eram as tradição aqui do estado?", e não tem nada gravado, e ninguém sabe, aí não tem nem como contar.

G- O seu trabalho é muito útil, pras futuras gerações e pra quem quiser saber, porque aqui no estado a gente um problema pra encontrar fontes, a gente não tem um lugar, uma biblioteca pública que tenha...

SC- Pois é, isso eu já falei aí pra muita gente que, um dia eu até falei pro Roberto Gato, aí no estúdio aí, ele queria que eu fosse lá na secretaria, tivesse indo nas

secretarias. Mas nessas secretarias, a gente vai, e a gente pega um chá de banco que não atende, principalmente se você não tiver um conhecido lá dentro, eu digo porque eu já passei quase duas horas na Confraria Tucujus, pra passar pra eles esse DVD, pra eles terem lá, aí chegou um lá, aí a atendente lá, pegou o nome dos que já estavam lá, depois chegava um, depois chegava outro, aí eles iam atendendo e eu ia ficando lá, e aí eu me achei meio constrangido lá, aí eu peguei e fui me embora, que era pra eles terem me chamado pra me atender, que eu lá só deixar lá, eu não ia, fazer outra coisa, só passar lá, pra eles terem lá Confraria Tucujus. Que a secretaria é pra ter isso aí, e aí nesses casos, não era nem pro pessoal que sabe das culturas tá correndo atrás, quem é pra correr atrás do pessoal que tem as culturas é as secretarias, que nem vocês, vocês agora estão fazendo essa pesquisa, vocês que estão correndo atrás do pessoal que tem as culturas, não é assim. E assim que eu penso que as secretarias de cultura é que tem que ir até os pessoal que sabe das coisas, pra poder contar, como é como não é, pra poder fazer um livro, ou seja o que for, fazer uma gravação pra eles terem lá, não pro, pra mim,

né, não pro pessoal que sabe das culturas ir na secretaria e dizer “olha, vocês tem que fazer, assim, assim, e isso”, não é verdade, eles é que tem que ir atrás. Pra mim, a secretaria de cultura aqui do estado estão muito parada sobre as nossas culturas aqui do estado, eles têm que ter documentado, porque tem muita coisa aqui no estado que tem, coisa boa que ninguém sabe aqui no estado, eles não vão lá no interior, porque as coisas que se passam tão lá no interior, não é tudo aqui em Macapá (...)

**Entrevista com a Sra. Nilcilene da Silva Trindade, benzedeira, 42 anos, natural de Macapá-AP, residente no bairro do Trem. Entrevista realizada em 29 de dezembro de 2008.**

ALINNE NAUANE: - Qual é o seu nome completo?

DONA NILCE: - Nilce

A.N.- Normalmente, o dom de benzer é uma coisa já inerente, já nasce com a pessoa. Mas a pessoa só descobre isso depois de um tempo: tem gente que descobre quando criança, quando mocinha. E a senhora, descobriu quando o seu dom?

D.N.- Mais ou menos, eu tinha uns quinze anos. Eu morei vinte anos no Rio de Janeiro. Então, quando eu morava lá, porque meu pai, sempre assim, a minha família sempre foi católica ou espírita, né, então a gente, eu tenho uma irmã que também era "média", a gente nasceu com essa mediuidade", só que a minha mãe, ela nunca aceitou, né, não gostava do espiritismo, então eu via ela sofrer muito por causa das entidades. A gente tem vários tipos de "mediuidade". Então a gente é do tipo que a gente reza, incorpora as entidades com caboclos como se fala. Então, eu via ela sofrer muito, eu já tinha, a tá, assim, digamos, "essas coisas em mim também, tanto que eu era tratada com gardenal na veia, entendeu? Eu era assim, se não fosse o médico também porque, como eu te falei, meu pai era muito católico, e não aceitava essas coisas, aí eu via minha irmã sofrer e eu comecei a dar manifestações, eu também não queria passar a vergonha que ela passava, e também a minha

mãe me levava para psiquiatra, aí ele começou a passar gardenal (...). aí o médico mesmo falou praminha mãe 'se eu fosse a senhora, começava a procurar esse tipo de ajuda, porque essa moça não é aqui pra nós, procure um espírita'. Aí, eu comecei um desenvolvimento, entendeu, com os meus catorze anos, assim, rezava, começava a ter visões, que eu vejo muita coisa, tanto que eu jogo as cartas e vejo essas coisas, né? Assim, começou, aos meus 14 anos, exatamente também por causa do médico (), se não fosse o médico, eu podia estar no hospital psiquiátrico até hoje. Porque, hoje em dia, eu conheci um senhor que é do interior, que ele frequenta a minha casa, ele foi internado como doida na psiquiatria aqui, toma remédio. Os pais nunca aceitaram; a mãe sim, o pai não. Teve na minha casa, hoje em dia ele não frequenta mais hospital, ele era espírita também. Era um problema espiritual, não era psiquiátrico. Graças a Deus, ele não frequenta mais essas coisas. começou com os meus 14 anos, eu á tô com os meus 42 anos.

A.N. É surpreendente ver que as pessoas tinham preconceito, né? Um dos objetivos do nosso trabalho é justamente acabar com esse preconceito.

D.N.: A minha irmã é uma pessoa que sofreu muito. Hoje em dia ela ainda não gosta, e ela é uma pessoa que frequenta um centro de mesa branca, que é uma outra linha do espiritismo, tanto que ela nunca aceitou, e ela passava muita vergonha, minha irmã ia presa, fazia muita bagunça, a entidade se manifestava dentro da sala de aula, no colégio. Entendeu, ela nunca aceitou, então pra ela não ter tanto atrito espiritualmente, ela frequenta a mesa branca. Por isso que eu comecei.

A.N.: - Então tá, a Sra. diz que nasceu no Rio de Janeiro...

D.N.: - Não. Eu nasci em Macapá, com dois anos que eu fui para o Rio de Janeiro...

A.N.: - A Sra. morou muito tempo lá, depois que a senhora retornou...

D.N.: - Retornei... retornei pra cá em 85 (1985).

A.N.: - Então a Sra. já estava aqui quando o Estado (do Amapá) foi criado:

D.N.: - É. Foi, exatamente. Nessa transição de Figueiredo para Tancredo.

A.N.: - A Sra. observou, nesse período, que muita gente de fora veio pra cá, muita gente com a sua crença, muitos profissionais já formados em faculdades, com toda a questão da ciência vieram pra cá. Aí tá, a Sra. já benzia nessa época. E o que a Sra. acha que aconteceu? A Sra. acha que mudou muito.

Esse período foi um choque: as pessoas deixaram de acreditar, porque tipo, as pessoas vinham de fora e acabavam influenciando as pessoas daqui.

D.N.: - Vou te dizer uma coisa: eu sou uma pessoa que já frequentei todos os terreiros de Macapá, já fui no Pai Salvino, já frequentei muito, mas eu sempre trabalhei na minha casa com minhas rezas, entendeu, so que eu acho que aqui na cidade tem muito charlatão. As pessoas que chegam na minha casa já passaram por cinco ou seis pessoas que já cobraram R\$ 600 ou 700, já chegam totalmente desacreditadas. Então eu acho que tem muita gente que veio de fora. por isso, hoje em dia eu ne afastei dessa coisas, fico aqui na minha casa, porque vi muitas coisas que não eram verdade, muita gente que fingia, que falava, pessoas que explorava, e hoje me dia tem muita gente boa, mas tem muita gente que ta ai só pra enganar.

A.N.: - A atividade de benzedeira que a sra. exerce ainda é muito frequente em Macapá?

D.N.: Com certeza, o povo de Macapá é muito crente.

D.N.: - Com certeza, o povo de Macapá é muito crente. Agora também tem o outro lado, tudo na vida tem que ter a sua ética, só que tem gente que, poucos, eu não falo dos benzedeiros, que fazem as coisas pro mal. Eu gosto de trabalhar com a luz, tem muita gente que frequenta a minha casa, de todos os níveis, do interior, de Caiena, muita gente, eu vou te dizer, tem muita maldade na cabeça do pecador, porque, às vezes, a pessoa vem cuidar do mal, para tirar uma energia negativa, para fazer uma cura mesmo, mas tem muita gente aqui querendo fazer o mal para os outros. Pra mim, eu procuro ganhar luz, porque nós vamos pagar tudo lá no juízo final. Se eu fizer o mal para você, esse mal volta para mim. Eu acho que você trabalhando na corrente da luz, todo dia, você pode ver a minha casa, toda coberta de "pau". Eu não peço nada para mim, mas as pessoas que eu ajudo, nunca me esquecem. Agora, tem gente que quer viver, quer luxar, quer charlar, que ter anel de ouro, e tem muita gente que quer o mal, aqui em Macapá principalmente, muita gente vingativa, destorcem totalmente o lado para que a ente quer de bom.

A.N.: - Um professor comentou que muita gente se utiliza dessa situação para fazer (o mal)... A sra. já foi procurada por políticos...

DN.- Com certeza, eu já tive dois politicos aqui. Pra você ver, aqui em Macapá, tem médicos que frequentam a minha casa, enfermeiros, advogados, gari,

dona de casa, dono de loja, mas Graças a Deus, que a maioria é só para se cuidar, é só para tirar o mal, tirar a inveja, pegar energia, porque aqui em casa não tem fonte de energia negativa

A.N.- Então a sra ainda é muito procurada... D.N.- Muito, nossa, tem dia que o meu marido até briga, porque de manhã, seis horas da manhã o telefone tá tocando, até dez e meia da noite. Tem dia que você chega aqui sete horas da noite, você vê a minha fisionomia parece que eu to assim. morta, todo mundo que chega pega energia, é o dia todo, não tem domingo.

**Entrevista com o Sr. Euclides Pinheiro Vilhena, 30 anos, funcionário público, evangélico. Entrevista realizada no dia 12 de março de 2009.**

NOME: EUCLIDES PINHEIRO DE VILHENA

IDADE: 30 ANOS

ALINNE NAUNE: - Tu é evangélico?

EUCLIDES: - Sim

AN: - E tu não acreditas em praticas alternativas de cura?

E: - Sim, eu acredito.

AN: - Acredita! Mas, tipo a tua religião prega alguma coisa contra essas práticas?

E: - Sim.

NA: - Em que sentido?

E: - De certa forma, o cristianismo, abre aspas al, desde o começo, como a gente sabe, ele, de certa forma, esse tipo de medicina alternativa abrange um pouco de questão da pajelança, se a gente for pegar desde os jesuitas, eles renegavam esse tipo de prática, eles abominavam achando que era uma bruxaria. Esse tipo de prática é ainda abominado pelas igrejas, pelas igrejas, eu falo principalmente na questão das evangélicas.

AN- E nos teus cultos, tipo, os cultos que tu participas, é latente essa questão do preconceito em relação a essas práticas?

E: - Sim

NA: -Eles falam que isso não é coisa de Deus e tudo?

E- É uma questão assim, vai variar de cabeça pra cabeça, porque acontece da seguinte forma: existe a questão da cura através das ervas e existe a questão da oração, se tu for ligar, na verdade existe um tipo de troca, da mesma forma que o evangélico ora pra ser curado, o benzedeiro também pratica a oração pra ser curado, é mais uma questão de preconceito, que existe dentro da igreja

AN: - E tu já fostes em uma benzedeira?

E: - Sim. Olha, a minha experiência com benzedeira foi com a Dona..., deixa eu ver se eu lembro o nome dela, Dona Filó, eu não lembro bem o nome, mas no decorrer eu posso lembrar. Então, o que era o que acontecia, eu tava jogando bola, então, por um acidente, eu bati o meu dedo, na verdade o meu companheiro, que é meu amigo de bola entrou com o tornozelo em cima dos meus dedos, e desmentiu o meu dedo, então, como ficou doendo muito... Dona Rosena, o nome da mulher, então essa Dona Rosena era uma senhora muito conhecida em Santana, falando um pouquinho dela, e ela não cobrava, o pessoal sempre dava um agrado pra ela, levava um pão, ou pães melhor dizendo, uma cesta basicazinha simples, mas ela não cobrava nada, então, eu tava com muita dor, e o pessoal disse: "ah, vai lá com a Dona Rosenal", como ela era lá da rua, então eu fui pra lá, e ela fez uma massagem com azeite andiroba e buchinha, né, pra amenizar a questão da dor, também, ela passou uma outra banha, não sei se foi banha de tartaruga, pra auxiliar na massagem, ai, como ela conhecia meu pai, que era vizinho, ela disse assim "olha, vocês são crentes, né? Tu quer que eu benza o teu pé?", ai eu disse pra ela que não tinha problema, que ela podia benzer, né. Ai, ela foi lá pro quintal dela, pegou um, eu não lembro bem, mas era parecido com uma folha de coco, era uma folha assim seca, era a folha de uma palmeira, ai ela benzeu, ai ela fez uma oração, eu não lembro bem como era, e ela me desejou melhoras. Então, assim, essa experiência não foi assim, nada de anormal. Foi lá a massagem com o azeite e a buchinha, e a banha lá, o tipo de banha que ela usou, eu não lembro, mas se eu não me engano era banha de tartaruga. E, ah, outra vez também ela passou um remédio pra papeira. Eu tava com papeira, era banha, eu não lembro se era banha de tartaruga, com aquela casazinha da caba, ai ela passou, e por incrível que pareça, a dor da papeira, que eu acho que é a caxumba, passou. Então é esse, os conhecimentos, né, ela não fez oração nenhuma, só passou aquilo, e aquele negócio ia derretendo, a gordura. Então

as minhas experiências foram essas. Eu nunca tive preconceito. Vi outro, o Seu Nestor, em Santana, um senhor, muito conhecido, eu não sei se ele ainda é vivo, mas ele também era um ótimo puxador, benzedor. Porque os benzedores lá de Santana, pelo menos os que eu conheci.

AN: - E, as questões de quebranto, tu nunca teve, ou tu nunca viu alguém?

E: - Olha, se quebranto, for questão do olho gordo, se for a mesma coisa. Porque o pessoal diz assim, "Ah, porque tem que colocar fitinha vermelha no braço da criança recém-nascida pra não pegar quebranto, aí, o que que acontece, nesse tipo, porque, já pra mim, isso é uma coisa diferente, isso é uma superstição mesmo, eu não acredito, agora, na questão de, se comparar o olho gordo e quebranto, que eu acho pra mim que é quase tudo a mesma coisa, acaba olhando com uma questão de desejo, uma vez o meu vizinho, ele tinha uma animal pequeno, e inclusive era um veado, um filhote que eles tinham pego, e o que aconteceu, o meu outro vizinho do lado chegou lá e achou bonitinho, ai quando, o Samuel, que foi o vizinho que achou bonitinho, saiu, o dono do veadinho falou "po, o Samuel colocou quebranto no meu veadinho"; aí não deu outra, pode ter sido até coincidência, mas o veado morreu

NA: - O veadinho morreu?

E: - Morreu. Então, assim, eu não sei se foi uma forma de quebranto, o Samuel fez isso. Mas eu não acredito muito em quebranto.

AN: - Mas tu presenciou essa situação?

E: - Agora de criança, aquele negócio de dar quebranto, cagar verde, fazer côco verde. Eu fiz a minha filha fazer coco verde, mas é porque ela tinha duas semana, aí ela se assustou e passou duas semanas fazendo coco verde.

AN: - E tu não mandou ninguém benzer?

E: - Não.

AN: - Depois voltou a ser marronzinho, normal?

E: - Voltou. Porque essa é uma questão bem que científica: você se assusta, aí quando você se assusta, uma parte, se eu não me engano, você libera uma substância que age diretamente nas fezes e muda a cor.